

**ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA**

UELTON AGUIAR RICARDO

DISCIPULADO SOB A CRUZ: UM CONVITE AO ANTITRIUNFALISMO  
A PARTIR DO EVANGELHO DE MARCOS

São Leopoldo

2013

UELTON AGUIAR RICARDO

DISCIPULADO SOB A CRUZ: UM CONVITE AO ANTITRIUNFALISMO  
A PARTIR DO EVANGELHO DE MARCOS

Trabalho Final de Mestrado Profissional  
Para obtenção do grau de  
Mestre em Teologia  
Escola Superior de Teologia  
Programa de Pós-Graduação  
Linha de Pesquisa: Leitura e Ensino da Bíblia

Orientador: Verner Hoefelmann

São Leopoldo

2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R488d Ricardo, Uelton Aguiar

Discipulado sob a cruz: um convite ao  
antitriunfalismo a partir do evangelho de Marcos /  
Uelton Aguiar Ricardo ; orientador Verner Hoefelmann.  
– São Leopoldo : EST/PPG, 2013.

63 p.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de  
Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em  
Teologia. São Leopoldo, 2013.

1. Bíblia N. T. Marcos – Crítica, interpretação, etc.  
2. Pentecostalismo. 3. Sucesso – Aspectos religiosos –  
Cristianismo. I. Hoefelmann, Verner. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST



Em memória de meu irmão,  
Alex de Aguiar Ricardo

“Não é o caminho de uma Igreja triunfalista que conduz a Jesus. Só o caminho da cruz é o caminho cristão” (Xavier Alegre).

## **Agradecimentos**

Rendo graças ao Deus crucificado, que tem provado sua imensa e incompreensível solidariedade conosco. Agradeço também a minhas professoras e meus professores que, com tanto amor e dedicação, souberam mostrar o valor do ensino. Preciso também recordar dos funcionários e das funcionárias. Fomos recebidos e atendidos com muito carinho e cortesia.

Meus sinceros agradecimentos ao orientador Verner Hoefelmann, que me ensinou não só conteúdo, mas também demonstrou imensa gentileza no trato comigo, que, aliás, em diversas ocasiões, me percebi tentando imitá-lo.

Quero também recordar dos amigos e das amigas de classe, que contribuíram de forma imensurável na construção do meu ser. Obrigado Inês Pozzagnolo, Maria da Conceição, Luciene de Aguiar, André Pereira, Fábio Wilhelm, Leônidas Ghelli, Eduardo Sales, Joás Menezes, Álvaro Martins, Karl Kepler e demais amigos/as das outras linhas de pesquisa.

Ao Seminário Teológico Evangélico do Brasil – STEB – que me concedeu bolsa integral para que eu pudesse realizar este sonho de cursar a pós-graduação (*stricto sensu*).

Por último, e não menos importante, à minha esposa Kelly Priscilla, que, por diversas vezes, em função das minhas estadas na EST, passou semanas longe da minha companhia. Sua compreensão e incentivo foram cruciais.

## Resumo

O presente trabalho tem por objetivo comparar a teologia do evangelho de Marcos com a neopentecostal. Enquanto a teologia marcana é interpretada como antitriunfalista, conduzindo as comunidades a perceberem o Cristo da cruz, o movimento neopentecostal faz o caminho oposto. Sua ênfase é o caminho triunfalista/sem cruz. Num primeiro momento, será abordado o ambiente das primeiras comunidades cristãs, que surgiram após a paixão, morte e ressurreição de Jesus. Posteriormente, serão apresentadas algumas considerações sobre a intenção do evangelista Marcos ao escrever seu evangelho. Por fim, será tratado ainda o tipo de enfoque bíblico-doutrinário do movimento neopentecostal. Já os principais resultados da pesquisa foram: a) incompatibilidade entre a ideologia neopentecostal com a abordagem teológica do evangelho de Marcos; e b) a perspectiva/ideologia triunfalista não é inerente apenas ao movimento neopentecostal. Já na época em que Marcos escreveu seu evangelho, a comunidade para quem ele destina sua obra também adotou essa postura triunfante sobre a figura de Jesus.

Palavras-chave: Comunidades Cristãs Primevas. Evangelho de Marcos. (Anti)Triunfalismo. Neopentecostalismo. Ideologia da Prosperidade. Cruz.

## **Abstract**

This dissertation compares the theology of the Gospel of Mark with that of the neopentecostal movement. While Markan theology is interpreted as anti-triumphalist, leading faith communities to recognize the Christ of the cross, the neopentecostal movement takes the opposite path. Its emphasis is on triumph, the way without the cross. I begin by considering the environment of the first Christian communities that arose after Jesus' passion, death, and resurrection. I then present several reflections on the intention of the evangelist Mark when he wrote his Gospel. Finally, I deal with the particular biblico-doctrinal focus of the neopentecostal movement. The main findings of this research were: a) there is a fundamental incompatibility between the neopentecostal ideology and the theological approach of the Gospel of Mark; and b) the triumphalist perspective/ideology is not inherent only to the neopentecostal movement. Even at the time when Mark was writing his Gospel, the faith community for which he intended his work had also adopted a triumphalist view of the figure of Jesus.

Keywords: Primitive Christian Communities. Gospel of Mark. (Anti)Triumphalism. Neopentecostalism. Ideology of Prosperity. Prosperity Gospel. Cross.

## Sumário

<b>Introdução</b> .....	<b>11</b>
<b>1 As Comunidades Cristãs Primevas</b> .....	<b>14</b>
1.1 Diversidade e Antagonismo das Comunidades Cristãs Primevas .	15
1.1.1 Comunidades da Galileia.....	16
1.1.2 Comunidades da Judeia em torno de Jerusalém.....	18
1.1.3 Comunidades Helenistas .....	19
1.2 O Mundo de Jesus e de Marcos .....	21
1.2.1 Estrutura Sociocultural.....	22
1.2.2 Estrutura Socioeconômica .....	24
1.2.3 Estrutura Sociopolítica.....	25
<b>2 O Evangelho de Marcos e sua Mensagem</b>	
<b>Antitriunfalista</b> .....	<b>28</b>
2.1 A Estruturação do Evangelho .....	29
2.2 A Messianidade do Jesus Galileu .....	29
2.3 O Cordeiro .....	32
2.4 A Paixão .....	33
2.5 O Incompreendido .....	34
2.6 A Cruz.....	37
<b>3 Uma Teologia para a Vida ou para o Mercado?</b> .....	<b>40</b>
3.1 Pentecostalismo e Neopentecostalismo .....	40
3.2 Alguns Aspectos Teológicos do Neopentecostalismo Brasileiro....	42
3.3 Redescobrimo a Graça e a Cruz .....	46
3.4 Sofrimento e Esperança .....	48
3.5 Uma Mensagem-Ação Hodierna da Cruz .....	52
<b>Conclusão</b> .....	<b>55</b>
<b>Referências</b> .....	<b>58</b>

## Introdução

Os principais fatores que motivaram a realização dessa pesquisa são: profunda admiração pelo evangelho de Marcos; oportunidade de esclarecer os e as leitores/leitoras desse evangelho acerca da correta imagem de Jesus, apresentada pelo evangelista Marcos; e, por derradeiro, certo desconforto/incômodo com a ideologia triunfalista que é ensinada por algumas instituições evangélicas de segmento pentecostal e neopentecostal, a despeito dessa confissão ideológica não ser proveniente dessas escolas evangélicas.

Em razão desse movimento religioso exercer impacto na sociedade brasileira (principalmente em camadas pobres de diversas regiões do país), pelo poder de mobilizar multidões, pela presença expressiva e frequente na mídia, assim como pelo crescimento acelerado de fiéis, é plenamente justificável a pesquisa que deu origem a esta obra.

Para atingir o resultado do presente trabalho, foi necessária considerável investigação a respeito do propósito do evangelista Marcos ao escrever sua obra/evangelho. Após o profícuo estudo desse problema, chegou-se à seguinte hipótese: O objetivo do evangelista Marcos, ao escrever sua obra/evangelho, foi o entendimento de que sua comunidade estava sob grande risco de desfigurar a imagem correta de Jesus de Nazaré. Ele estava convencido de que a raiz final do mal que ameaçava essa comunidade de crentes estava na interpretação triunfalista da pessoa de Jesus.

Com o intuito de fundamentar a supradita hipótese, a abordagem da presente obra foi dividida em três capítulos. O capítulo primeiro terá o propósito de apresentar, ainda que de forma sucinta, o ambiente, ou seja, “o mundo” das principais comunidades cristãs primevas. Os e as leitores/leitoras perceberão a diversidade das comunidades nesse período, assim como em razão dessa heterogeneidade existente de comunidades há época, a existência de certos antagonismos sobre algumas questões de costumes, bem como de fé. É importante destacar também que o presente capítulo ressaltará um breve retrato analítico das principais estruturas do “mundo” dessas jovens igrejas, quais sejam: as questões socioculturais, econômicas e políticas.

Em seguida, no segundo capítulo, vários temas, que são centrais para a fundamentação e defesa da hipótese em questão (Marcos tinha o entendimento de que sua comunidade tinha uma interpretação equivocada da pessoa de Jesus, ou seja, ela o considerava como portador de uma mensagem triunfalista), serão tratados com o objetivo de corrigir a compreensão equivocada, de acordo com a percepção do evangelista daquela comunidade.

A estruturação do evangelho de Marcos, um dos assuntos que será discutido no capítulo em questão, terá maior realce. O motivo de tal destaque dar-se em razão dessa estrutura responder a uma pergunta fundamental da obra do evangelista, qual seja: Quem é Jesus? O eixo central desse esquema literário é a fundamentação teórico-bíblica relatada em Marcos 8.27-29a: “Jesus partiu com seus discípulos para os povoados de Cesaréia de Filipe, e no caminho, perguntou a seus discípulos: “Quem dizem os homens que eu sou?” Eles responderam: “João Batista; outros, Elias; outros ainda, um dos profetas”. – “E vós, perguntou ele, **quem dizeis que eu sou?**” (grifo meu).

A incompreensão das pessoas próximas de Jesus será outro ponto que também terá maior relevância. A forte ênfase do evangelista no que diz respeito à incompreensão dos discípulos, família e concidadãos de Jesus quer, de alguma forma, realçar que Ele e sua mensagem não eram ainda bem entendidos.

Já o terceiro e último capítulo tem como finalidade relatar uma série de divergências entre o pensamento ideológico triunfalista da época de Marcos (ideologia própria da comunidade marcana), e dos dias atuais (mesma ideologia, mas agora ensinada e defendida por algumas “ordens” evangélicas de confissão pentecostal e neopentecostal), com o verdadeiro evangelho, este, defendido pelo evangelista, o da cruz.

Para tanto, será importante apresentar uma breve história dos movimentos pentecostal e neopentecostal; quais seriam os principais aspectos teológicos e doutrinários do neopentecostalismo brasileiro?; por fim, vários esboços acerca das teologias da graça e da cruz, o paradoxo entre os temas do sofrimento e da esperança, assim como a relevância a respeito da compreensão da mensagem-ação hodierna da cruz. Com esses vários eixos temáticos, será possível responder à pergunta do referido capítulo: a teologia presta um serviço para a vida ou para o mercado?

As referências teóricas desse trabalho são os teólogos Jürgen Moltmann e Xavier Alegre. Na contramão da ideologia da prosperidade/triunfalista, Moltmann, também conhecido como “teólogo da esperança”, em função de sua obra chamada “Teologia da Esperança”, declara que a esperança tem um alicerce seguro, que se pauta na lembrança/atualização da vinda do Messias, seu nascimento, sua vida, sua morte e também sua ressurreição dentre os mortos. Aquele que crê em Cristo pode esperar desde já o seu reino futuro. Contudo, essa esperança não significa que as vicissitudes no mundo serão ignoradas nem evitadas. Para Moltmann, a dificuldade, a dor e o sofrimento também são agentes que podem alimentar essa esperança. Essa forma de enxergar, esperança cristã, para Moltmann, não é otimismo, que somente sabe prometer dias melhores de sucesso.

Xavier Alegre, por sua vez, é o segundo referencial teórico. Com base em sua obra “Marcos: a correção de uma ideologia triunfalista”, foi possível conhecer outra chave de leitura do evangelho de Marcos. Xavier defende que o evangelista escreveu essa obra porque pensava que a comunidade destinatária estava sob o risco de desfigurar a imagem correta de Jesus. Marcos se convenceu de que a raiz última do mal que ameaçava a sua comunidade estava na interpretação triunfalista da pessoa do nazareno. Para fundamentar sua chave hermenêutica, o autor se fundamentou, em primeiro lugar na estrutura criada por Marcos; em segundo, nos retoques redacionais que, segundo Xavier, Marcos realizou em suas fontes, principalmente, no que diz respeito aos milagres e exorcismos.

# 1 As Comunidades Cristãs Primevas

Quando se fala em comunidades cristãs primevas<sup>1</sup>, faz-se referência às primeiras comunidades desde sua origem após a paixão, morte e ressurreição de Jesus até a redação do último escrito do Novo Testamento, provavelmente em torno do ano 130. De acordo com Raymond Brown, esse período todo pode ser dividido em 3 (três) etapas.<sup>2</sup>

A primeira etapa, que se estende aproximadamente do ano 30 até 67, é conhecida como período apostólico. É a primeira geração de seguidores de Jesus de Nazaré. São aqueles que conheceram Jesus ou que aderiram a ele ainda nos primeiros anos do seu movimento. Nesta etapa, quase todos os apóstolos ainda estavam vivos.

Este período apostólico pode ser dividido em dois momentos bem distintos. O primeiro é o anterior à assembleia de Jerusalém, que provavelmente aconteceu em torno do ano 49, conhecida também por Concílio de Jerusalém. Já o segundo momento vai desde o concílio de Jerusalém até em torno do ano 67.

A segunda etapa, que se estende aproximadamente do ano 67 até por volta de 97, é chamada de período subapostólico<sup>3</sup>. É o tempo da segunda geração de seguidores do movimento de Jesus de Nazaré. Esse período é marcado pela destruição de Jerusalém e do Templo e pelo martírio e pela morte de apóstolos, inclusive de Paulo de Tarso.

Por último, a terceira etapa, que corresponde aproximadamente aos anos 97 a 130, é o período pós-apostólico, ou seja, corresponde à terceira geração dessas comunidades de Jesus. Os Padres da Igreja, também chamados de Pais da Igreja, são os sucessores dos apóstolos neste período.

---

<sup>1</sup> Em função do desgaste da palavra primitivo, será usada, no presente trabalho, a expressão primeva, cujo significado diz respeito aos tempos primeiros, antigos, primários.

<sup>2</sup> BROWN, Raymond Edward. *As Igrejas dos apóstolos*. São Paulo: Paulinas, 1986. p. 17.

<sup>3</sup> Termo usado por Raymond Edward Brown com intuito de explicar que nesse período os discípulos mais conhecidos, a saber: Tiago, Pedro e Paulo, já haviam sido martirizados.

## 1.1 Diversidade e Antagonismo das Comunidades Cristãs Primevas

Assim como o judaísmo<sup>4</sup> era diversificado e em algumas questões até antagônico, já antes mesmo de Jesus, bem como também em seu tempo, algumas jovens igrejas cristãs não eram diferentes. Algumas delas se organizaram a partir das comunidades em torno das sinagogas<sup>5</sup> e do templo<sup>6</sup>. Outras surgiram na Galileia e ainda em regiões afastadas. Por isso, é natural que a diversidade de correntes no judaísmo também tenha entrado nas igrejas cristãs primevas.

É importante superar aquela visão romântica acerca das igrejas cristãs primevas, como se fossem totalmente uniformes na fé, na liturgia, na doutrina, na missão e na própria cristologia. Essa visão talvez tivesse sua origem na transformação do cristianismo em religião oficial do Império, lá no início do século IV, quando era difundida uma visão unitária e universal das igrejas nascentes. Assim como fora diversificado, nas origens, a formação de Israel, também o movimento cristão era multifacetado, ou seja, já no princípio havia vários modelos de comunidade de seguidores de Jesus. Pablo Richard<sup>7</sup> comenta o seguinte:

[...] Mais especificamente, existe uma consolidada visão constantiniana das origens do Cristianismo, que devemos a Eusébio de Cesaréia (263-339), bispo de Cesaréia, na Palestina, que escreveu uma História Eclesiástica em dez livros. Este historiador foi o teólogo de Constantino e escreveu sua história da igreja para justificar a construção da cristandade constantiniana. [...] Seu objetivo não foi escrever a história real e objetiva do cristianismo, e sim a “história oficial” para fundamentar teologicamente a cristandade constantiniana (tradução nossa).<sup>8</sup>

<sup>4</sup> O judaísmo é o termo dado à religião do povo judeu, sendo a mais antiga das três principais religiões monoteístas, juntamente com o cristianismo e o islamismo.

<sup>5</sup> As sinagogas eram locais de reuniões dos judeus, tendo como objetivos principais o culto, a adoração e o estudo dos textos sagrados. Também acabou designando o edifício onde tais reuniões eram efetuadas.

<sup>6</sup> Para o povo judeu, o templo era um lugar central para a celebração de cultos religiosos promovidos a Javé, Deus de Israel, e onde se ofereciam os sacrifícios a Ele.

<sup>7</sup> RICHARD, Pablo. Los diversos orígenes del cristianismo: una visión de conjunto (30-70 d.C.). *Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana. Cristianismos Originarios (30-70 d.C.)*. Equador e Costa Rica, n. 22, p. 7, 1995.

<sup>8</sup> [...] Más específicamente, existe una consolidada visión constantiniana de los orígenes del Cristianismo, que se la debemos a Eusebio de Cesarea (263-339), obispo de Cesarea en Palestina, quien escribió una Historia Eclesiástica en diez libros. Este historiador fue el teólogo de Constantino y escribió su historia de la iglesia para justificar la construcción de la cristiandad constantiniana. [...] Su objetivo no fue escribir la historia real y objetiva del cristianismo, sino la “historia oficial” para fundamentar teológicamente la cristiandad constantiniana.

Houve pelo menos dois ciclos quando da difusão do evangelho nas primeiras décadas do cristianismo: 1. da Palestina<sup>9</sup>, incluindo as regiões da Galileia, Judeia e em volta de Jerusalém; e 2. dos judeus-cristãos de origem helenista, que estavam rompendo principalmente com o modelo da Judeia. Sua região era em torno de Antioquia, que era a capital de uma província romana, situada ao sul da Síria. Em razão desses ciclos, é importante analisar mais de perto as principais experiências dessas comunidades nascentes.

### 1.1.1 Comunidades da Galileia

Em virtude da morte violenta de Jesus, houve um período curto de crise e desarticulação do seu movimento. Sob o protagonismo das mulheres, entre elas, Maria Madalena, Salomé, Joana e Maria, mãe de Tiago, aos poucos esse movimento foi se reorganizando a partir da Galileia, a terra natal de Jesus. Alguns textos dos evangelistas Marcos e Mateus destacam que o local de encontro com o Cristo ressuscitado foi na Galileia (Mt 28.7,10,16; Mc 14.28; 16.7). Na passagem de Atos 2.7, os seus primeiros discípulos eram todos galileus: “Estupefatos e surpresos, diziam: Não são, acaso, galileus todos esses que falam?”<sup>10</sup>

Havia uma tensão entre os galileus e as demais comunidades de Jerusalém. As comunidades galilaicas não tinham condições de observar regularmente os atos de culto e purificação exigidos pelo templo situado em Jerusalém. Por isso eram marginalizadas pelas instituições judaicas, ou seja, a falta da prática dos ritos da lei legitimava a discriminação do povo galileu por parte das comunidades judaítas. A não observação dos atos estabelecidos no templo era também em virtude da falta de condições econômicas e porque moravam geograficamente distantes, separados pela região de Samaria. Em virtude dessas circunstâncias, os galileus tinham um comportamento bem crítico em relação ao santuário e tudo o que ele representava (Jo 2.13-22). Leif E. Vaage<sup>11</sup> comenta:

---

<sup>9</sup> Apesar do anacronismo, a expressão “Palestina” será adotada, no presente trabalho, apenas para facilitar a compreensão do leitor, uma vez que é o termo corrente.

<sup>10</sup> Todas as citações bíblicas serão extraídas da Bíblia de Jerusalém. Tradução do texto em língua portuguesa diretamente dos originais. Edição em língua francesa. São Paulo: Paulus, 2002.

<sup>11</sup> VAAGE, Leif E. El cristianismo galileo y el evangelio radical de Q. *Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana. Cristianismos Originarios (30-70 d.C.)*. Equador e Costa Rica, n. 22, p. 86-87, 1995.

Quão importante foi o templo de Jerusalém para o povo galileu? Não está claro ainda o que terá sido a natureza dessa relação. Mas é claro que a proximidade geográfica não desempenhava nenhum papel determinante. Pois os samaritanos, por exemplo, que viviam muito mais perto dos habitantes de Jerusalém do que os habitantes da Galileia, não viam no templo de Jerusalém nada de importante para eles (tradução nossa).<sup>12</sup>

No evangelho de Marcos, a Galileia tem um significado particular, que contrasta com a maneira como o evangelista fala de Jerusalém. Enquanto Jerusalém é vista de forma negativa como o lugar do qual vêm os inimigos de Jesus (cf. 3.22; 7.1) e no qual ele sofreu e morreu (cf. 10.33; 14-15), a Galileia, em compensação, é vista de maneira bastante positiva: é o lugar onde começou o movimento público de Jesus (cf. 1.14), onde ele realizou a maior parte de sua revelação com poder (cf. 1.20-21). Foi na Galileia que o Nazareno escolheu seus discípulos (cf. 1.16-20; 2.14; 3.13-19), e posteriormente os comissionou a pregar (cf. 6.6b-13) e os alertou para a crise da paixão (cf. 9.30s). Também foi na Galileia que começou a missão cristã aos não judeus (cf. 5.1-20; 7.24-30).<sup>13</sup>

Por entenderem que o templo era um ambiente de discriminação,<sup>14</sup> o local de reunião das comunidades galileias eram as casas (*οικοι*). A casa era ambiente para as celebrações, a pregação da palavra, o culto, a participação e a prática da comensalidade e também das próprias relações sociais. O cotidiano também era o espaço sagrado para esse povo.

---

<sup>12</sup> *¿Cuán importante fue el templo de Jerusalén para el pueblo galileo? No está muy claro todavía, cuál habrá sido el carácter de esta relación. Pero es evidente que la cercanía geográfica no jugaba ningún papel determinante. Pues los samaritanos, por ejemplo, quienes vivían mucho más cerca a Jerusalén que los moradores de Galilea, no veían en el templo de Jerusalén nada de importancia para ellos.*

<sup>13</sup> No presente trabalho, será adotada a hipótese de que existe vinculação entre o evangelho de Marcos e as comunidades da Galileia. Mesmo que essa hipótese não seja unânime, existe um crescente entendimento de que esse evangelho foi composto na Palestina Setentrional, possivelmente na Galileia ou adjacências, conforme opinião de alguns especialistas, tais como MYERS, Ched. *O Evangelho de São Marcos*. São Paulo: 1992. p. 68 (Coleção Grande Comentário Bíblico) e MARXSEN, Willi. *El Evangelista Marcos: estudio sobre la historia de la redacción Del evangelio*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1981.

<sup>14</sup> Apenas um determinado grupo de homens, os sacerdotes, tinha acesso ao espaço denominado de *Santo*; no ambiente mais sagrado, era autorizada a entrada do sumo sacerdote em um dia do ano, na festa da expiação; fora do espaço puro e sagrado, podiam entrar os homens israelitas, posteriormente as mulheres e, por último, os incircuncisos (aqueles meninos ou homens de quem não se removeram a pele que envolve a extremidade do pênis, conforme Gênesis 17.14).

### 1.1.2 Comunidades da Judeia em torno de Jerusalém

A despeito de Jesus e sua mensagem não serem bem aceitos em Jerusalém, é certo também que nem todos, especialmente os mais pobres, estivessem apoiando o sistema do templo. Conforme o livro de Atos, desde cedo nasceram comunidades cristãs também em Jerusalém e em torno dela. De acordo com Jorge Pixley<sup>15</sup>, os apóstolos galileus, com destaque para Pedro, João e Tiago, o “irmão do Senhor”, de um lado e, de outro, familiares de Jesus formavam a liderança dessas jovens igrejas (1.12-14; 2.1-13).

Atos 2.46 registra que os primeiros cristãos de Jerusalém “dia após dia, unânimes, mostravam-se assíduos no templo”. Isso quer dizer que participavam das orações da manhã e das três horas da tarde. As purificações rituais, os sacrifícios, os jejuns e a guarda do sábado também eram cumpridos, assim como o cumprimento das normas alimentares judaicas (15.19-20). Pixley<sup>16</sup> esclarece que:

É mais que evidente a importância do templo na vida da igreja de Jerusalém, segundo repetidas expressões de Lucas. Pedro e João curaram um paralisado à porta do templo, quando chegaram “para a hora da oração, a hora nona” (At 3.1). Quando o Sinédrio mandou buscar os dois apóstolos na prisão, eles foram encontrados “no templo em pé e ensinando o povo” (At 5.25). Paulo foi instruído por Tiago, em sua última visita a Jerusalém, a purificar-se com alguns jovens que tinham votos, e entrou no templo para oferecer os sacrifícios que correspondiam a ele (At 21.24-26). Foi no átrio do templo que a multidão enfurecida pegou Paulo, o arrastou para fora, trancou as portas e tentou matá-lo (At 21.30-31) (tradução nossa).<sup>17</sup>

Estes textos querem dizer que para a igreja de Jerusalém, liderada pelos apóstolos, que eram judeus, o templo era o centro de suas práticas religiosas. Então qual era a diferença desses cristãos com os outros judeus? Provavelmente

<sup>15</sup> PIXLEY, Jorge. Santiago y la iglesia de Jerusalén. *Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana. Cristianismos Originarios (30-70 d.C.)*. Equador e Costa Rica, n. 22, p. 136-137, 1995.

<sup>16</sup> PIXLEY, 1995, p. 139.

<sup>17</sup> *Es más que evidente la importancia del templo en la vida de la iglesia de Jerusalén, según repetidas expresiones de Lucas. Pedro y Juan sanaron un paralítico a la puerta del templo cuando subían “a la hora de la oración, la hora novena” (Hch 3,1). Cuando el Sanedrín buscó a los dos apóstoles en la cárcel, los encontró, más bien, “en el templo parados y enseñando al pueblo” (Hch 5,25). Pablo fue instruido por Santiago en su última visita a Jerusalén para purificarse con unos jóvenes que tenían votos, y entró al templo para ofrecer los sacrificios correspondientes a cuenta de él (Hch 21,24-26). Fue en el atrio del templo que la multitud enardecida tomó a Pablo, le sacó fuera, cerró las puertas y quiso matarle (Hch 21,30-31).*

apenas a questão messiânica<sup>18</sup>. Os cristãos não mais esperavam o Messias, pois ele, Jesus, já estava entre eles.

Além das frequentes visitas ao templo, havia outra forma de reunião das igrejas primevas. O papel da *oikos* (casa) é destacado no livro de Atos. Muitos são os acontecimentos marcantes nas igrejas de Jerusalém no espaço da *oikos*: 1. a descida do Espírito Santo em meio à comunidade (2.1-13); 2. a partilha do pão com alegria e sinceridade de coração, ou seja, a prática da comensalidade (2.46); 3. a proclamação do evangelho de Jesus Cristo (5.42); 4. a conversão de Saulo para uma nova perspectiva e o seu batismo no Espírito Santo (9.10-18); e 5. a igreja reunida em oração, que recebe Pedro, o prisioneiro fugitivo (12.12-17).

Tudo indica que essas comunidades de Jerusalém ou da Judeia, também chamadas de igrejas da circuncisão (At 10.45; 11.2), não tiveram vida duradoura. Com a destruição do templo, bem como de Jerusalém, pelos romanos no ano 70, é possível que esses cristãos tivessem fugido para outros lugares, sem contar com a morte de muitos em razão da revolta/guerra.

### 1.1.3 Comunidades Helenistas

Além da região da Palestina, que abrigava as comunidades da Galileia, da Judeia e em torno de Jerusalém, o sul da Síria, principalmente Antioquia, era outra localidade que abrigava os primeiros discípulos de Jesus, chamados de cristãos helenistas<sup>19</sup>. O anúncio da mensagem e dos feitos do Nazareno se espalhou rapidamente nessas regiões, chegando inclusive à Ásia Menor (cf. os principais textos do livro de Atos: capítulos 6 a 8; segunda metade do capítulo 11 (v. 19s) e nos capítulos 13 a 15).

Os cristãos helenistas exerceram suas atividades evangélicas de maneira independente em relação a apóstolos e familiares do Nazareno residentes em

<sup>18</sup> O substantivo hebraico *maxiah*, messias, tem sua origem na raiz *mxh*, que significa *untar*, *ungir*. Esse termo assumiu um significado bem teológico no AT. Após a morte do rei Davi, o referido substantivo passou a retratar alguém com status de representante de Deus. O título implicava: 1) numa relação bem restrita e próxima entre a família de Davi e Javé; 2) o status do rei e a sua legitimação como eleito de Deus para mediar Sua bênção em favor do povo; 3) somente o Messias poderia possuir a função de interagir o governo terreno à missão escatológica do Reino de Deus.

<sup>19</sup> Os primeiros cristãos ou eram judeus ou eram gentios (aqueles que não eram israelitas) convertidos ao judaísmo. Os gentios convertidos ao judaísmo eram conhecidos pelos historiadores como judeus-cristãos. Já os cristãos helenistas, eram aqueles convertidos que moravam fora do território palestino, neste caso, em Antioquia, cidade situada ao sul da Síria.

Jerusalém. Enquanto havia fidelidade às tradições de Israel e ao templo pelas comunidades de Jerusalém, os helenistas, ao contrário, rechaçavam o santuário e a lei (cf. At 6.8-15; 7.44-50).

O foco da proclamação dos helenistas estava no acesso universal à Boa-Nova de Jesus, pois, a mensagem precisava alcançar também outras etnias. O capítulo 8 do livro de Atos registra como os helenistas, liderados por Filipe, tinham como propósito levar a mensagem de fé em Jesus como o Cristo e Senhor a outras culturas. Conseguiram organizar comunidades em vilarejos de samaritanos, povos que eram discriminados pelo judaísmo ortodoxo (8.5-13). Também evangelizaram povos africanos, como, por exemplo, se percebe no episódio do etíope (8.26-40).

Além dessas etnias citadas acima, os helenistas também tiveram êxito com os judeus da diáspora<sup>20</sup>, prosélitos<sup>21</sup> e tementes a Deus<sup>22</sup>, provavelmente pela discriminação que esses sofriam por parte dos judeus mais ortodoxos da Palestina. Por residirem fora de Jerusalém, os judeus ortodoxos consideravam os da dispersão impuros. Paulo Nogueira<sup>23</sup> informa mais algumas características dessa comunidade:

Entre as características principais desse grupo podemos citar: liderança profético-carismático com prática de serviço [...], escatologia apocalíptica [...], liberalidade frente às leis de pureza [...], rechaço ao culto do templo, forte ênfase missionária e maior participação das mulheres (Felipe trabalhava junto com um grupo de profetisas, 21.8-9). Outra característica desse grupo podemos derivar da informação de Lucas de que, depois da morte de Estevão, todos saem (fogem) evangelizando.<sup>24</sup>

<sup>20</sup> Refere-se a diversas expulsões forçadas dos judeus pelo mundo e da consequente formação das comunidades judaicas fora do território de Israel.

<sup>21</sup> Pessoa ou indivíduo que abandona suas crenças e convicções, aderindo a outra crença, religião ou doutrina. Para o contexto em questão, prosélitos eram aqueles que se submetiam a todos os requisitos da lei, incluindo a circuncisão (pequena cirurgia no órgão sexual masculino como sinal da Aliança e marca daqueles que pertenciam ao povo escolhido por Deus).

<sup>22</sup> Em contraste com os prosélitos, os tementes a Deus eram aqueles que aceitavam os ensinamentos judaicos, contudo não assumiam a obrigação de cumprir a lei. Esses não eram considerados membros plenos.

<sup>23</sup> NOGUEIRA, Paulo Augusto e Souza. *La comunidad olvidada: Un estudio sobre el grupo de los helenistas en Hch 6,1-8,3*. *Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana. Cristianismos Originarios (30-70 d.C.)*. Equador e Costa Rica, n. 22, p. 124, 1995.

<sup>24</sup> *Entre las características principales de ese grupo podemos citar: liderazgo profético-carismático con práctica de servicio [...], escatología apocalíptica [...], liberalidad frente a las leyes de pureza [...], rechazo al culto del templo, fuerte énfasis misionero y mayor participación de las mujeres (Felipe trabajaba junto con un grupo de profetisas, 21,8-9). Otra característica de ese grupo podemos derivarla de la información de Lucas de que, después de la muerte de Esteban, todos salen (huyen) evangelizando.*

Provavelmente as igrejas helenistas se originaram a partir das primeiras comunidades da Galileia. Essa constatação dá-se em razão da visão comum entre as igrejas helênicas e as igrejas marcanas. Ambas são críticas à lei, ao santuário e aos apóstolos. Os judeus-cristãos helenistas, simbolizados pelos Sete (At 6.5), revelam como terá acontecido o conflito entre os judeus da diáspora em relação às instituições da lei e do templo (cf. At 6.11-14). O martírio, assim como a teologia da cruz, são centrais, tanto nas comunidades de Marcos como nas helenistas.

## 1.2 O Mundo de Jesus e de Marcos

Diferente dos textos da antiguidade, com narrativas direcionadas para as elites, o texto de Marcos é para e sobre o povo comum, para as massas sem voz, que possivelmente correspondiam a cerca de 95% da população da Palestina romana do primeiro século. Já na primeira peça da narrativa de Marcos, as multidões aparecem, em busca de João Batista e sua mensagem apocalíptica, anunciando uma nova ordem. Ched Myers descreve que:

Em todos os seus elementos heróicos, cômicos e trágicos, o drama de Jesus apresentado por Marcos retrata o mundo da Palestina romana do século I “de baixo para cima”. Ele rompe a “cultura do silêncio” (Freire) dos pobres, fazendo deles – pescadores e agricultores, o coxo e o leproso – os sujeitos e os protagonistas centrais do evangelho do reino.<sup>25</sup>

Percorrendo os textos narrativos do evangelho sobre o ministério de Jesus, se percebe que as multidões estão constantemente procurando-o, assim como interrompendo-o. A atenção é dada principal e primeiramente às massas que vivem as realidades diárias de doença, pobreza e exploração, que marcam a existência social da grande maioria.

O texto de Marcos representa dois mundos: um é o que ele narra e o outro é o mundo em que ele vive. É importante saber que o ‘tempo’ histórico de Marcos não é o ‘tempo’ de sua narrativa acerca de Jesus; esses mundos se acham separados por pelo menos duas gerações. Contudo, de acordo com Myers, existe a possibilidade de correlacionar o mundo de sua narrativa com o seu mundo:

---

<sup>25</sup> MYERS, 1992, p. 66-67.

[...] O fato de o Evangelho ser obra de “narrativa realista” [...] posteriormente reduz a disparidade: os mundos sociais intrínseco e extrínseco ao texto, na verdade, *rigorosamente* correspondem entre si. Jesus e Marcos viveram dentro da mesma “era” histórica, que pode ser destacada por importantes alternâncias no caráter sociopolítico da vida na Palestina. Essa era começou com a morte de Herodes, o Grande (4 a.C.) [...] terminou com a derrota dos rebeldes e a destruição do templo pelo general romano Tito em 70 d.C.<sup>26</sup>

É razoável afirmar que existe, sim, uma harmonia estrutural fundamental, ainda que não seja exatamente histórica, entre o mundo em que Marcos situa sua narrativa de Jesus e seu próprio mundo. Isso facilita para Marcos enxertar em sua narrativa de Jesus problemas que exerciam pressão em seu próprio tempo. Além de mencionar o público alvo, assim como os dois mundos que o texto de Marcos representa, mundo em que o evangelista viveu e sobre o qual escreveu, também se faz necessário apresentar um breve retrato analítico das estruturas socioculturais, econômicas e políticas desses mundos, conforme descrito no item abaixo.

### 1.2.1 Estrutura Sociocultural

No antigo judaísmo palestinese, se encontra o discurso do “débito” e da “pureza”. São dois sistemas interpenetrantes e que se reforçam mutuamente. Essa era a ordem sociossimbólica predominante na época de Jesus. A referida ordem foi confrontada pelo Nazareno. A mensagem era a opção pela justiça e pela compaixão em vez de dominação. Myers informa que:

O código de débito regulava a agressão social e constituía a base do paradigma da aliança com Javé, inclusive os dez mandamentos e outros elementos socioéticos da lei. Ele estava originalmente enraizado na economia política camponesa primitiva de reciprocidade e procurava promover a justiça e a equidade na comunidade.<sup>27</sup>

Já o código de poluição/pureza tinha seu fundamento ideológico em Israel como “sagrado”, “separado”, formado à parte das demais culturas circunvizinhas, inclusive com práticas sociais opostas às delas. Os diversos rituais funcionavam

---

<sup>26</sup> MYERS, 1992, p. 69.

<sup>27</sup> MYERS, 1992, p. 105.

essencialmente com o mesmo objetivo: fortalecer as fronteiras de grupo. Conforme Belo, esses dois sistemas operavam:

[...] em três esferas ou “posições” sociais básicas: a “mesa” (por exemplo, a produção e a consumação de alimentos, a “casa” (por exemplo, parentesco e relações de comunidade) e o “santuário” (por exemplo, o culto do templo e o sacerdócio).<sup>28</sup>

O diagrama elaborado e ampliado por Myers, ajuda a compreender a função do sistema ideológico com base nos elementos contidos no código levítico:

### Elementos do código levítico<sup>29</sup>

	Poluição/pureza	Débito/dom
Terra/mesa	tabu dietético (Lv 11; 17)	dízimo; jubileu/sábado (Lv 23; 25; 27)
Aldeia/casa	sexo/relações do corpo (Lv 12-15)	estatutos socioéticos (Lv 18-20)
Sinagoga/santuário	idolatria/blasfêmia sacerdotes (Lv 21-22; 24; 26)	culto; sacrificio (Lv 1-10)

Os dois principais canais de fortalecimento para esses códigos são a lei (Torá), que representava a aliança com Deus em Israel, e o templo, que representava simbolicamente a presença do Deus de Israel. A lei e o templo eram redentores, definiam e controlavam os códigos do débito e da impureza.

Outro exemplo dos “mapas de pureza” do judaísmo é apresentado por J. Neyrey. Segundo ele, a literatura rabínica permite reconstruir diversos sistemas sociossimbólicos: “Os judeus podiam ser identificados por *tempos* especiais (sábado), *coisas especiais* (dieta) e especiais *marcas corporais* (circuncisão)”.<sup>30</sup> Myers faz referência ao *t. Megillah* (2,7), que agrupa indivíduos conforme a pureza:

(1) sacerdotes; (2) levitas; (3) israelitas; (4) convertidos; (5) escravos libertos; (6) sacerdotes desqualificados (filhos legítimos de sacerdotes); (7) *netins* (escravos do templo); (8) *mamzers* (bastardos); (9) eunucos; (10) os que tinham os testículos prejudicados; (11) os que não possuíam pênis. [...] No *m. Kelim* (1,3) existe relação da poluição decorrente do contato com *coisas*: impureza contraída pelo contato com alguma coisa morta é

<sup>28</sup> BELO, 1981 apud, MYERS, 1992, p. 105-106.

<sup>29</sup> BELO, 1981 apud, MYERS, 1992, p. 105-106.

<sup>30</sup> NEYREY, 1986, apud, MYERS, 1992, p. 106-107.

superada pelo contato com mulher menstruada, que, por sua vez, é superada pelo contato com elementos corporais como sêmen, urina, saliva, etc.<sup>31</sup>

Esses diversos mapas apresentados acima estão incluídos no mundo do evangelho de Marcos. Para cada episódio narrado pelo evangelista, é exposta uma transgressão ou crítica de Jesus a essas limitações e divisões. É simples perceber que essas leis eram muito difíceis de observar. Em razão dessa dificuldade, as massas acabariam sendo marginalizadas, pois as circunstâncias diárias de suas vidas e afazeres, sobretudo os camponeses, rotineiramente os expunham ao contágio e eles não podiam lidar com o gasto de tempo ou dinheiro requeridos por meio dos rituais de purificação.

### 1.2.2 Estrutura Socioeconômica

Apesar de ser considerada a terra mais fértil de Israel, a região da Galileia do século primeiro era basicamente constituída de agricultores, pescadores e desempregados. No tocante aos aspectos sociais daquela época, Richard L. Rohrbaugh,<sup>32</sup> traz alguns dados surpreendentes:

[...] cerca de 1/3 daqueles que ultrapassavam o primeiro ano de vida (portanto, não contabilizados como vítimas da mortalidade infantil) morriam até os 6 anos de idade. Cerca de 60% dos sobreviventes morriam até os 16 anos. Por volta dos 26 anos 75% já tinham morrido e aos 46 anos, 90% já desaparecido, chegando aos 60 anos de idade menos de 3% da população (tradução nossa).<sup>33</sup>

Outra informação relevante está nos evangelhos sinóticos, principalmente nas parábolas de Jesus. Existe uma quantidade significativa de alegorias acerca dos escravos/escravidão. Uwe Wegner<sup>34</sup> elencou alguns textos no seu artigo:

<sup>31</sup> MYERS, 1992, p. 107.

<sup>32</sup> CARNEY, 1975 Apud ROHRBAUGH, Richard L. *The Social Sciences and New Testament Interpretation*. Peabody, MA, Hendrickson, 1996. p. 4-5.

<sup>33</sup> [...] about one-third of those who survived the first year of life (hence not counted as victims of infant mortality) were dead by age 6. Nearly 60 percent of these survivors had died by age 16. By age 26, 75 percent were dead; and by age 46, 90 percent were gone. Less than 3 percent of the population made it to 60.

<sup>34</sup> WEGNER, Uwe. Os Evangelhos, Jesus, os escravos. *Estudos Bíblicos*. Escravidão e Escravos na Bíblia. Petrópolis-RJ: Vozes, n. 18, p. 53, 1988.

Mt 13,24-30 (v. 27s)	: sobre o joio
Mt 18,23-35 (v. 23,26,27,28,32)	: sobre o devedor implacável
Mt 21,33-46 (v. 34,35,36)	: sobre os vinhateiros homicidas (cf. Mc 12.1-12: v. 2.4/Lc 20.9-19: v.10s)
Mt 22,1-14 (v. 3,4,6,8,10)	: sobre o banquete nupcial (cf. Lc 14.15-24: v. 17,21,22,23)
Mt 24,45-51 (v. 45,46,48,50)	: sobre o mordomo (cf. Lc 12.36-46: v. 37,43,45,46,47)
Mt 25,14-30 (v. 14,19,21,23,26,30)	: sobre os talentos (cf. Lc 19.11-27: v. 13,15,17,22)
Lc 15,11-32 (v. 22,29)	: sobre o filho pródigo
Lc 17,7-10 (v. 7,9,10)	: sobre a recompensa do servo
Mc 1,33-37 (v. 34)	: sobre a vigilância

Efetivamente a situação da grande maioria da população do campo, residente em vilas, aldeias e povoados, não era nada confortante. Pelo contrário, a condição social e econômica era de extrema pobreza, conforme relata Wegner:

O intrigante na tradição grega de Jesus é que a mesma não usa uma única vez o vocábulo mais ameno, *pénes*. Sempre – não há exceção à regra neste caso – que Jesus fala dos pobres, refere-se aos absolutamente miseráveis, aos mendigos: usa *ptochós*. Por trás deste termo esconde-se, a nosso ver, uma situação social e econômica de extrema gravidade para os afetados. Jesus torna-se porta-voz de mendicantes miseráveis.<sup>35</sup>

Os textos dos evangelhos sinóticos pressupõem, além da extrema pobreza, pessoas carentes e esfomeadas (cf. Mc 2.23-28; 3.2; 6.8; 6.30-44; 8.1-10; Mt 6.11), assim como a existência de desemprego e excesso de mão de obra (cf. Mt 20.1-16). O resultado dessa realidade é o crescimento de ladrões/assaltantes (cf. Lc 10.30-36; Mc 14.48; 15.27); a proliferação de doenças, inclusive mentais (cf. Mc 1.21-28; 5.24-34) e a inadimplência, retratada na oração do Pai-Nosso em Mt 5.12: “E perdoa-nos as nossas dívidas como também nós perdoamos aos nossos devedores.”

### 1.2.3 Estrutura Sociopolítica

Ched Myers escreveu que a situação na Palestina durante a época de Marcos podia ser caracterizada por, pelo menos, cinco correntes principais: 1. as fortunas decadentes das realezas nativas; 2. administração romana direta e indireta da colônia; 3. o poder do sumo sacerdócio e da aristocracia clerical,

<sup>35</sup> WEGNER, 1988. p. 65.

inclusive o partido dos saduceus; 4. os alinhamentos políticos mutáveis dos grupos de renovação judaica, principalmente dos fariseus e dos essênios; e 5. as várias frentes de resistência popular e de dissidência entre as massas. Cada uma dessas correntes contribui para a revolta de 66 d.C.<sup>36</sup>

Em razão da revolta dos macabeus contra os procedimentos helenistas em 167-142 a.C., a Palestina passou quase um século de independência sob a dinastia dos asmoneus. Porém, em 63 a.C. sob o Império Romano, essa independência termina. Abaixo, segue um quadro, apresentado por Myers, dos principais eventos políticos:

#### PALESTINA, 4 a.C. a 70 d.C. – (todos os anos no Quadro, d.C.)

##### Período das tetrarquias

<i>Imperador</i>	<i>Judeia, Samaria, Idumeia</i>	<i>Galileia e Pereia</i>	<i>Transjordânia meridional</i>	<i>Sumos sacerdotes importantes</i>
Augusto → 14	Arquelau etnarca → 6	Antipas, tetrarca → 39	Filipe, tetrarca → 34	Anás → 6-15
Tibério 14-37	Pilatos, procurador 26-36			Caifás 18-36
Calígula 37-41				Teófilo 37-41

##### Período do governo romano direto

<i>Imperador</i>	<i>Procurador</i>	<i>Sumos sacerdotes</i>	<i>Eventos políticos</i>
Cláudio 41-54	Fado 44-46		Movimento de Teudas, ca. 45? (ver At 5,36)
	Alexandre 46-48		Fome, ca. 46; dois líderes rebeldes judeus executados
	Cumano 48-52	Ananias 48-58	Judeus (& cristãos?) expulsos de Roma; vários levantes (armados?) na Palestina
	Félix 52-60		Surgimento do banditismo social, dos profetas, dos sicários; revolta do “profeta egípcio”
Nero 54-68	Fésto 60-62		Profeta do deserto executado; conflito entre judeus e sírios em Cesareia
	Albino 62-64	Seis sumos sacerdotes, 59-66	Aumentam a corrupção e a violência rural; hostilidade de facções revolucionárias em Jerusalém
	Floro 64-66		Deterioração geral; motins em Cesareia e Jerusalém
Galba, ano de 3 imperadores, 68-69		Anano	Normas de coalizão zelota, 68; revolta dominada, 70
Vespasiano 69-79		Finéias	

<sup>36</sup> MYERS, 1992, p. 83.

Israel servia como estado amortecedor entre os romanos e o Império dos partas a leste. O Império dos partas era a única grande ameaça remanescente para a extensa dominação do Império romano no mundo mediterrâneo. [...] Por essas razões era importante para os romanos manterem boas relações ou firme controle [...] especialmente diante da reputação de Israel de ser território sem governo.<sup>37</sup>

O período de 4 a.C. a 70 d.C. é marcado por levantes populares, que ganharam dimensão maior com a rebelião judaica em 66 d.C. Todavia, por intermédio das legiões romanas sempre presentes, postadas próximas ao templo de Jerusalém, o Império poderia sufocar brutalmente quaisquer sinais de revolta/insurreição.

Dois exemplos, um no começo e outro no meio dessa era, são dramáticos: Primeiro, foi o incêndio e a destruição de Séforis, logo após a morte de Herodes Magno em 4 a.C. Já o segundo foi uma série de violentas tensões/choques sob o procurador Cumano (48-52), em função da provocação de um soldado romano na ocasião de uma festa da Páscoa em Jerusalém. Durante a tentativa de restabelecimento da ordem, vários judeus são mortos.

---

<sup>37</sup> RHOADS, 1976 apud, MYERS, 1992, p. 84-85.

## 2 O Evangelho de Marcos e sua Mensagem Antitriunfalista

Este capítulo propõe-se a fazer um apanhado de reflexões sobre a intencionalidade do evangelista Marcos ao escrever seu evangelho, além da de propagar a Boa Nova. Para isso se faz necessário um estudo mais reflexivo sobre alguns elementos que compõem seu texto, como a estruturação, o conteúdo, o contexto e as repetições, que são geralmente empregadas com um cunho pedagógico, característica também muito importante para a compreensão e, conseqüentemente, para a determinação do objetivo buscado pelo autor ao escrever esse evangelho.

Antes de abordar a estruturação do evangelho em questão, faz-se necessário prestar algumas informações acerca desse valioso livro. Primeiramente, o evangelho de Marcos é o mais antigo, o primeiro relato narrativo sobre a vida, obra e paixão de Jesus. Escrito por volta de quarenta anos depois da vida D'ele, Marcos apresenta como a história do galileu de Nazaré era contada lá pelo ano 70. Existem grandes chances dessa não ser uma “descrição estrita”, mas sim uma interação entre uma “história lembrada” e “história interpretada”. É uma espécie de história de Jesus “atualizada” para a época em que a comunidade marcana vivia. No tocante à origem do evangelho, Maria Antônia relata que:

Atualmente, os estudiosos acreditam que esse escrito tenha surgido na Galileia. [...] Há algumas informações que fortalecem essa teoria, por exemplo: 1. A atividade de Jesus: no evangelho de Marcos, na maior parte de sua missão, Jesus atua na Galileia e nos seus arredores; 2. O autor conhece as tensões existentes na Palestina e entre os diversos grupos e regiões. Para ele, os adversários de Jesus na Galileia vêm de Jerusalém (Mc 3,22; 7,1). Ele sabe que a Palestina e as regiões limítrofes não estão habitadas somente por judeus (Mc 7,24-25); 3. Destinatário: embora haja judeus na comunidade de Marcos, os principais destinatários são gentios, pois o autor explica certos costumes e práticas judaicas, por exemplo, a lei do puro e do impuro (Mc 7,1-23); como também o uso de termos aramaicos e sua tradução em momentos-chaves da narrativa, como: *Talitha kum*, “menina, levanta-te” (Mc 5,41); *Effatha*, “abre-te” (Mc 7,34); *Abba*, “pai” (Mc 14,36); e *Eloi, Eloi, lemá sabachtáni*, “meu Deus, meu Deus, por que me abandonastes” (Mc 15,34).<sup>38</sup>

Nos últimos duzentos anos, os estudiosos do Segundo Testamento chegaram ao consenso razoavelmente amplo, não somente de que o evangelho de

---

<sup>38</sup> MARQUES, Maria Antônia. No caminho de Jesus: uma leitura do evangelho de Marcos. *Vida pastoral: revista bimestral para sacerdotes e agentes de pastoral. Evangelho de Marcos: quem é Jesus?* São Paulo: Paulus, n. 286, p. 4, 2008.

Marcos foi o primeiro dos evangelhos sinóticos a ser escrito, mas também de que Mateus e Lucas o utilizaram como fonte principal e que, além do evangelho de Marcos, os evangelistas dispuseram de outra fonte sobre Jesus, chamada de “fonte Q” – que não era uma fonte narrativa, mas uma coletânea de ditos e histórias do galileu.

## 2.1 A Estruturação do Evangelho

A estrutura do texto é um instrumento fundamental utilizado pelo evangelista para alcançar seu objetivo intencionado. Xavier Alegre, em seu artigo “Marcos – A correção de uma ideologia triunfalista”,<sup>39</sup> propõe a divisão do texto em duas grandes partes, além da introdução, cujos limites, conteúdos e títulos propostos por ele, de forma aqui resumida, são os seguintes:

### **Introdução (1,1-13)**

#### **Primeira parte: o mistério da messianidade de Jesus se revela progressivamente (1,14-8,26)**

- 1) Complementos catequéticos: transfiguração;
- 2) Revelação de Jesus em palavras e sinais: cegueira dos judeus;
- 3) Jesus prepara os discípulos: cegueira dos discípulos.

#### **Segunda parte: o mistério do Filho do homem (8,27-16,8)**

- 1) O “caminho” do Filho do homem: seguir a Jesus;
- 2) Revelação em Jerusalém: ruptura definitiva com os judeus;
- 3) Paixão e ressurreição.

#### **Apêndice canônico acrescentado posteriormente pela comunidade:**

Aparições do ressuscitado (16,9-20).

## 2.2 A Messianidade do Jesus Galileu

Na primeira parte do evangelho, o autor relata uma série de milagres, curas e exorcismos feitos por Jesus, de forma a ser revelado aos poucos o seu caráter messiânico. Um dos fatos mais intrigantes dessa parte é que, logo após a

---

<sup>39</sup> ALEGRE, Xavier. *Marcos: a correção de uma ideologia triunfalista*. 5. ed. São Leopoldo-RS: Cebi, 2005. p. 12-14.

realização desses feitos sobrenaturais, Jesus pede às pessoas que foram alvo de tais realizações que não falem a ninguém sobre os feitos ocorridos (cf. 1.40-44; 5.38-43; 7.32-36).

Com a manutenção do sigilo sobre a condição messiânica de Jesus, pode-se conseguir dois efeitos diferentes: primeiramente, como recurso literário, isso leva o leitor a questionar sobre a identidade do homem que opera tão grandes maravilhas, aguçando assim sua curiosidade e instigando-o a ler o texto até o final, ou pelo menos até o clímax, que neste caso é a confissão de Pedro (cf. 8.27-30), a revelação da identidade de Jesus. Isso se percebe do ponto de vista literário, porque ao considerá-lo relato de fatos verídicos, tem-se outro efeito, um efeito concreto no contexto que envolve os acontecimentos sobrenaturais, nesse caso, a intenção de se manter o mistério em torno desse evento parte não do autor, mas do próprio Jesus, e se isso parte dele é porque algum efeito contrário ao que ele deseja pode ser produzido se tais notícias forem anunciadas.

O desejo de Jesus de manter em secreto sua divindade é abertamente revelado por ele em diversas passagens do evangelho, porém o porquê do segredo não aparece claramente. A razão pela qual Jesus não quer que sua condição divina venha à tona é porque ela só deve ser revelada após sua morte e sua ressurreição. Seu caráter messiânico não deve ser revelado isoladamente, tanto que a única vez em que o título de Filho de Deus foi-lhe empregado por um homem foi ao pé da cruz, pelo centurião que o viu morrer: “O centurião, que se achava bem defronte dele, vendo que havia expirado desse modo, disse: ‘Verdadeiramente este homem era filho de Deus!’” (15.39).

Sendo assim, esse silêncio é provisório, deve ser mantido somente até a consumação do plano de Deus Pai com relação ao Filho do homem. Logicamente que o conhecimento do caráter transitório desse mistério não é suficiente para responder em sua completude à questão central do problema: Por que sua condição de filho de Deus não deve ser revelada ainda? A resposta para essa questão vem a ser respondida na segunda parte do evangelho. Mas para que se chegue até ela, é necessário que se perceba também o contexto em que os fatos estavam inseridos.

Na época de Jesus, a Palestina vivia sob jugo romano, que era muito rigoroso, principalmente com relação àqueles que se opunham ao Estado, sendo que a morte era uma punição muito corriqueira nesses casos. Se a revelação do

caráter divino de Jesus acontecesse antes do momento devido, terminaria por chegar aos ouvidos romanos, o que poderia pôr fim ao ministério antes de sua plenitude, prejudicando talvez a dimensão do seu alcance. Afinal, se Jesus fosse proclamado o rei dos reis, seria colocado logicamente acima do imperador romano, o que implicaria também a transferência de adoração do César para Jesus. Isso seria prejudicial para a manutenção do poder do Estado, e o que prejudicava o poder de Roma deveria ser eliminado. Quanto ao perigo que Jesus significava para Roma, segue-se o que afirma Verner Hoefelmann:

[...] Jesus vai dessacralizar mais adiante o poder político de César, afirmando que ele é homem, e não Deus, e eliminando qualquer possibilidade de justificar a opressão em nome da divindade. Como o povo, por enquanto, ainda está ao lado de Jesus, maravilhando-se com seu ensino (Mc 11.8; 12.12,37), essa denúncia se torna por demais perigosa, porque pode desequilibrar o que se encontra tão perfeitamente estruturado.<sup>40</sup>

Esse perigo que Jesus representava para Roma é uma explicação possível para o silêncio desejado por ele. Claro que tal silêncio não foi mantido e também pode nem ter afetado de forma negativa o seu ministério, pois, mesmo tendo as maravilhas operadas por Jesus na Galileia repercutido em Jerusalém, o centro político e religioso do país, o plano divino foi consumado – e a prova dessa repercussão é que não faltavam fariseus ou escribas nas manifestações públicas do poder de Jesus – “E o observavam para ver se o curaria no sábado, para o acusarem” (3.2); “Ao se retirarem, os fariseus com os herodianos imediatamente conspiraram contra ele sobre como o destruiriam” (3.6), muitas vezes questionando, fazendo perguntas capciosas com o intuito de gerar constrangimento a Jesus, colocando em dúvida sua santidade – “Os escribas dos fariseus, vendo-o comer com os pecadores e os publicanos, diziam aos discípulos dele: ‘Quê? Ele come com os publicanos e pecadores?’” (2.16) ou incitando o povo contra ele – “Ora, alguns dos escribas que lá estavam sentados refletiam em seu coração: ‘Por que está falando assim? Ele blasfema! Quem pode perdoar pecados a não ser Deus?’” (2.6-7).

Tais provocações eram feitas para incitar Jesus a cometer algum deslize ou declarar algo que o pudesse comprometer perante as autoridades romanas ou

---

<sup>40</sup> HOEFELMANN, Verner. O Caminho da Paixão de Jesus na Perspectiva do Evangelista Marcos. *Estudos Teológicos*, n. 26. São Leopoldo: EST, p. 112, 1986.

judaicas. Se assim acontecesse, antes do momento certo, talvez seu ministério fosse precocemente aniquilado.

## 2.3 O Cordeiro

Na primeira parte do evangelho, Marcos cria um panorama que poderia conduzir o leitor a projetar sobre Jesus uma perspectiva triunfante. Esse cenário é viabilizado pelos recorrentes milagres e exorcismos realizados por ele, fatos que despertavam nas pessoas grande deslumbre, fazendo com que elas indagassem sobre a identidade daquele que operava tão grandes maravilhas: “[...] Quem é este a quem até o vento e o mar obedecem?” (4.41). A resposta “[...] o Cristo” (8.29) - é dada ao leitor por Pedro, mas havia algo no contexto que precisava ser esclarecido, ou melhor, havia um engano que precisava ser desfeito: o caráter triunfante do Messias, que lhe foi atribuído durante seu ministério na Galileia, ou seja, durante a primeira parte do evangelho de Marcos.

O autor desfaz esse equívoco durante a segunda parte de duas maneiras: ao relatar a paixão de Cristo, pois, na mentalidade geral da época era inconcebível algum triunfo em crucificações; e com os exemplos dos próprios discípulos, quando por vezes demonstravam incompreensão com relação à paixão de Cristo. A frase em Mc 8.32 (Dizia isso abertamente. Pedro, chamando-o de lado, começou a recriminá-lo) ilustra bem esse pensamento, pois os discípulos, assim como os judeus, tinham em mente um Messias que devia triunfar sobre seus adversários. Eles não compreendiam por que Jesus, sendo o Messias, precisa passar pelo vexame da cruz ou certas palavras que ele proferia, como na passagem em que ele diz que “[...] Se alguém quiser ser o primeiro, seja o último de todos e o servo de todos” (9.35), ou quando ele afirma que “[...] o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (10.45).

Isso possibilita outra explicação para o silêncio desejado por Jesus na primeira parte do evangelho de Marcos, com relação aos seus milagres e exorcismos: a revelação da divindade de Jesus precisava ser revelada somente após a cruz, para que não se atribuísse a ele um caráter triunfalista, o que ele nunca pregou, afinal ele, por ele mesmo (10.45), veio para servir.

O *Segredo Messiânico* constitui um motivo teológico de Mc. Ele quer mostrar quem é Jesus, mas não quer que ele seja encarado como um mago triunfalista. Não se deve esquecer a cruz. Os milagres e títulos que a comunidade dá a Jesus sempre devem ser vistos à luz da cruz. O *Segredo Messiânico* só termina diante do fracasso e da cruz (14, 62; 15, 39). Só quem for com ele até a cruz, até o fracasso total, pode entender quem é Jesus. Quem apenas permanece nos milagres e nas maravilhas, ainda não entendeu Jesus.<sup>41</sup>

## 2.4 A Paixão

Como visto, mesmo sem se declarar abertamente como filho de Deus, Jesus já intrigava aqueles que podiam materializar sua paixão. Ele preparava um cenário propício a isso, ao mesmo tempo em que levava sua mensagem de libertação a seus seguidores e ouvintes. Não é demais ressaltar que, na época, a cruz significava não somente um instrumento de neutralização ou punição de indivíduos cujos comportamentos não condiziam com o padrão esperado e estabelecido pela sociedade, ou seja, não significava apenas a morte, mas também apresentava um indicativo extremamente vexatório e humilhante, isto é, era impossível alguém condenado à morte na cruz sugerir qualquer superioridade, quanto mais uma superioridade divina.

A narrativa de Marcos está sempre apontando para a cruz. Ela traça uma trajetória para Jesus, tanto comportamental quanto espacialmente falando, que o leva à cruz. Jesus sai da Galileia em direção a Jerusalém, onde será morto, anunciando seu sacrifício (8.31; 9.30-31; 10.32-34) e preparando os discípulos para esse evento (14.27-28) e também para o após (13; 14.28). Jerusalém mostra-se extremamente importante para o plano da cruz não somente por ser o centro político de Israel, mas também por abrigar o templo e, conseqüentemente, autoridades judaicas, que, ao serem confrontadas, tornam-se veículos fundamentais para a concretização da paixão de Cristo, pois foram os líderes religiosos que incitaram tal ato, enquanto o procurador, Pilatos, apenas o permitiu (15.9-11).

O que há de tão extraordinário em Jerusalém? Ora, Jerusalém se distingue das demais cidades por ser a cidade do templo. Sem o templo, Jerusalém não seria nada do que é. É por isso que, quando Jesus, juntamente com um grupo de peregrinos da Galiléia, se dirige à cidade

---

<sup>41</sup> Uma antropologia em Marcos. Disponível em: <[http://www.estef.edu.br/pessoais/arquivos/ESTEF\\_PESSOAL\\_26\\_10\\_2005\\_20\\_33\\_52\\_Antrop.%20Mc.htm](http://www.estef.edu.br/pessoais/arquivos/ESTEF_PESSOAL_26_10_2005_20_33_52_Antrop.%20Mc.htm)>. Acesso em: 9 fev. 2013.

para participar da grande festa da Páscoa, o alvo final da caminhada é o templo (Mc 11.11). Enquanto ele está na capital política e religiosa do país, não há outro lugar onde localizar sua atividade a não ser no templo e suas imediações.<sup>42</sup>

Quando finalmente Jesus chegou a Jerusalém, dirigiu-se primeiramente ao templo, para, segundo Hoefelmann, fazer um reconhecimento do local onde realizaria um importante ato no dia seguinte: a expulsão dos comerciantes que ficavam no pátio externo do templo. Essa atitude de Jesus é mais do que puramente uma explosão de sua revolta contra a comercialização da fé. É uma afronta contra aqueles que dominavam o comércio no templo, ou seja, “a família sumo-sacerdotal”. Segue o que esse autor fala a respeito dessa passagem do evangelho de Marcos:

[...] a interrupção do comércio no pátio dos gentios tem como consequência lógica a interrupção do culto no interior do santuário. Nesse caso, a proibição de Jesus é novamente uma ação-sinal, que antecipa simbolicamente a interrupção do culto do templo. Mais adiante, Jesus vai anunciar sua destruição (Mc 13.1s).<sup>43</sup>

Dessa maneira Jesus atingiu religiosa e financeiramente os sacerdotes, finalizando o processo que precede e possibilita sua crucificação. Outra sutileza da narrativa, também muito importante, é que o autor expõe um evangelho que aponta para a cruz, mesmo quando não se emprega essa palavra em seu sentido literal, e sim o sentido de sofrimento. Isso fica bem caracterizado quando Marcos transcreve a fala de Jesus dizendo “[...] Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me” (8.34). Assim, confirma-se mais uma vez o caráter não triunfalista que o autor quer atribuir não só a Jesus, mas também aos seus discípulos, de forma a impactar a comunidade cristã para a qual o evangelho é dirigido.

## 2.5 O Incompreendido

Para alcançar esse objetivo, Marcos faz uso da incompreensão daqueles que conviveram com Jesus de maneira próxima. Na primeira parte, os discípulos não compreendiam que Jesus podia todas as coisas e desnecessariamente

<sup>42</sup> HOEFELMANN, 1986, p. 110.

<sup>43</sup> HOEFELMANN, 1986, p. 111.

sentiam medo: “Vendo-o caminhar sobre o mar, julgaram que fosse um fantasma e começaram a gritar [...]” (6.49) e se preocupavam; “Eles no entanto, refletiam entre si, porque não tinham pães” (8.16), atitudes que não condiziam com pessoas que estavam caminhando literalmente ao lado de Jesus, aliás o próprio Jesus se exaltou e terminou por admoestá-los; “Mas, percebendo, ele disse: ‘Por que pensais que é por não terdes pães? Ainda não entendeis e nem compreendeis? Tendes o coração endurecido? [...]’” (8.17) imediatamente após o segundo episódio de multiplicação de pães. Pela quantidade de exemplos, vê-se logo que essa incompreensão dos discípulos era algo corriqueiro.

O relato recorrente desses acontecimentos pode ter sido usado pelo autor como mais uma forma de demonstrar aos leitores que eles não deviam esperar glória terrena no percurso do caminho que é Cristo, e sim entender que esse caminho é o da cruz, que simboliza sofrimento, humilhação, negação, entre outras consternações, independentemente da pessoa que se dispusesse a segui-lo, pois esses relatos demonstram que ninguém, nem mesmo esses que andaram fisicamente com Jesus, podiam vangloriar-se de algo, uma vez que até eles, os escolhidos e ensinados pelo próprio Jesus, cometeram erros tão banais, inadmissíveis para quem andou lado a lado com o mestre.

Marcos quer abalar a auto-segurança de sua comunidade. Por isso, pega a figura de algumas pessoas tão importantes e significativas para sua comunidade, como são os doze, e simboliza nelas o que pode acontecer a qualquer cristão, por mais batizado que esteja e ocupe o lugar que ocupar dentro da comunidade, se não tomar consciência de qual seja a autêntica interpretação da pessoa de Jesus e se não estiver disposta a segui-lo no caminho da cruz.<sup>44</sup>

O que se aplica aos discípulos de Jesus com relação à incompreensão aplica-se também à sua família, pois ela achou que Jesus tinha enlouquecido: “E quando os seus tomaram conhecimento disso, saíram para detê-lo, porque diziam: ‘Enlouqueceu!’” (3.21). Dessa maneira, a família de Jesus também é usada pelo autor como forma de ensinar os cristãos a aceitarem o Messias e sua cruz.

Marcos quis chamar a atenção de sua comunidade, com a ajuda do exemplo “negativo” de personagens tão veneráveis como a mãe e os irmãos de Jesus, sobre o perigo real que a ameaçava, se não estivesse disposta a aceitar Jesus de Nazaré tal como realmente ele se manifestou

---

<sup>44</sup> ALEGRE, 2005, p. 36.

durante a sua vida pública e se não o quisessem seguir no caminho que o levou à cruz.<sup>45</sup>

Essa incompreensão por parte dos parentes de Jesus estende-se aos seus concidadãos. No capítulo 6.1-8, o evangelista relata uma visita que Jesus fez à sua cidade de origem, onde, ao ensinar na sinagoga, teve seu ministério colocado em dúvida pelas pessoas que ali moravam e o conheciam há tempos, e que, justamente por o conhecerem, saberem de sua origem humilde, bem como sua profissão, duvidaram dos seus ensinamentos.

Mas Jesus, antes de deixar a cidade, sutilmente os repreendeu: “E Jesus lhes dizia ‘Um profeta só é desprezado em sua própria pátria, em sua parentela e em sua casa’” (6.4), fazendo alusão a situações idênticas enfrentadas por profetas, relatadas no Antigo Testamento, como as diversas a que foram sujeitados Moisés (Ex 14.11-12; 15.24; 16.19-20; 17.3) e Jeremias – “Porque até os teus irmãos e a casa de teu pai, até eles te traíram! [...] Não confies neles quando te falarem coisas boas” (Jr 12.6).

Se até as pessoas próximas de Jesus, que não seriam prejudicadas pela mensagem que ele trazia, não o compreenderam, muito mais incompreensão então se podia esperar das lideranças judaicas, cujos interesses seriam afetados drasticamente pela vinda do Messias. Essas lideranças também não o compreenderam, talvez até mais pelo desconforto que ele lhe proporcionava do que por descrédito, como o que os parentes e concidadãos atribuíam-lhe, ou pelo caráter triunfante que ele não apresentava, como esperavam os seus discípulos.

Um traço que perpassa todas as partes do evangelho é o conflito de Jesus com os líderes judaicos, representados especialmente pelos escribas, fariseus e sacerdotes. Logo na primeira atividade pública de Jesus, ainda longe das autoridades, encontramos a repercussão de sua obra, apresentada da seguinte maneira: o povo se maravilhava de sua doutrina, porque os ensinava como quem tem autoridade, e não como os escribas (Mc 1.22). Portanto, logo de início a autoridade de Jesus é contraposta à autoridade das lideranças judaicas.<sup>46</sup>

Por fim, como fecho a esta parte de incompreensões, tem-se o exemplo das mulheres que poderiam ser consideradas merecedoras de algum tipo de reconhecimento como verdadeiras entendedoras e seguidoras da mensagem de

---

<sup>45</sup> ALEGRE, 2005, p. 34.

<sup>46</sup> HOEFELMANN, 1986, p. 103.

Cristo, devido a fatos narrados em que “uma mulher pagã foi apresentada como modelo de fé (cf. 5.34) e outra como modelo de ortopraxis<sup>47</sup> (cf. 14.6s e 12.41-44)”<sup>48</sup>, além de serem duas mulheres que seguiram Jesus da Galileia até Jerusalém, as únicas pessoas, dentre as que conviveram com ele por um tempo relativamente grande, que estavam junto a sua cruz.

Para evitar que também às mulheres não se destinasse qualquer tipo de sucesso nesse sentido, o autor imputou-lhes logo duas falhas cometidas quase simultaneamente: a primeira é o fato de elas buscarem um morto para ser ungido (16.1-2), mesmo tendo Jesus afirmado em várias passagens que ressuscitaria (8.31, 9.31, 10.34), o que implica bem mais do que incompreensão por parte delas com relação à mensagem de Jesus - implica desatenção às palavras do mestre. E a segunda é que elas desobedeceram, por medo, a ordem do anjo enviado por Deus (16.7-8), acabando assim com qualquer chance de se vangloriarem por uma conduta irrepreensível aos olhos de Deus, pois primeiramente se mostraram desatentas e em seguida, desobedientes. Interessante contribuição para o entendimento dessa incompreensão generalizada apresentada por Marcos é trazida abaixo:

Por que Mc pinta com tantas cores a incompreensão? Mc não quer desacreditar ninguém, mas usa pessoas importantes para dar uma lição aos leitores: é duro entender o caminho da cruz, mas não tem outra solução. Só se pode entender Jesus, seguindo-o até a cruz. Uma comunidade sem o compromisso com a cruz deve se espelhar nos discípulos de dura compreensão e aceitar a repreensão feita a Pedro: “Afasta-te de mim, satanás” (8,33).<sup>49</sup>

## 2.6 A Cruz

O relato dos fracassos de todas essas pessoas que conviveram lado a lado com Jesus sugere que houve uma intencionalidade por parte do autor além de um simples registro histórico dos passos dados por tais pessoas. Se assim for compreendido, deve-se transpor a visão histórica e elevar (ou reduzir) essas pessoas a personagens, para que se possa entender seus atos como artifícios

<sup>47</sup> A diferença entre “modelo de fé” e “modelo de ortopraxis” tem haver com a crença correta, bem como a ação correta, respectivamente.

<sup>48</sup> ALEGRE, 2005, p. 37.

<sup>49</sup> Uma antropologia em Marcos. Disponível em: <[http://www.estef.edu.br/pessoais/arquivos/ESTEF\\_PESSOAL\\_26\\_10\\_2005\\_20\\_33\\_52\\_Antrop.%20Mc.htm](http://www.estef.edu.br/pessoais/arquivos/ESTEF_PESSOAL_26_10_2005_20_33_52_Antrop.%20Mc.htm)>. Acesso em: 9 fev. 2013.

usados por Marcos para mostrar aos leitores e leitoras a “cruz” como norteadora do evangelho. Ao perceber essa verdade, por consequência, espera-se que o cristão também entenda que não deve haver, ou esperar, ou pregar algum triunfo nesse caminho que tenciona, por livre escolha, trilhar, e isso em qualquer época, pois em qualquer época, para os humanos, sofrimento não é geralmente sinal de triunfo. Contudo, quando se decide enveredar por tal caminho, alguns cuidados devem ser tomados.

Primeiramente não se deve ensoberbecer-se por estar trilhando o caminho do justo (justo perante Deus), achando-se superior àqueles que não optaram por seguir o mesmo caminho, ou se considerando um eleito de Deus e, por isso, julgando os demais como inferiores. Tais comportamentos discriminatórios não são raros hoje em dia, pois bastante comum é ouvir pessoas que se santificam a si mesmas, considerando-se as únicas a alcançarem a salvação.

Leonardo Boff afirma que “seguir Jesus é per-seguir seu caminho, pro-seguir sua causa e con-seguir sua vitória”.<sup>50</sup> Sendo assim, a “per-seguição”, a busca pelo caminho de Jesus remete quem o procura à cruz, pois, como visto no decorrer desta pesquisa, a narrativa de Marcos aponta para a vida terrena de Jesus – suas ações, seus ensinamentos etc. – para a crucificação, para o sacrifício em favor de todos. Ora, se o caminho trilhado por Jesus tem esse fim, então para Deus todos são igualmente importantes. E se é assim, o cristão não deve permitir que seu ego abra veredas no caminho de Cristo, veredas que o conduzam a uma superioridade que ele próprio se atribui, justamente por equivocadamente achar que trilha o caminho verdadeiro. Não permitindo isso, a pessoa fatalmente dará continuidade, “pro-seguimento”, ao amor incondicional praticado por Jesus e “con-seguirá” subjugar o pecado.

Em segundo lugar, é necessário precaver-se contra correntes de pensamentos que instigam o indivíduo a exigir de Deus, com base em fragmentos de textos bíblicos extraídos de seus contextos, respostas positivas às suas ações ou anseios. Há pelo menos dois bons motivos para que os seguidores de Cristo não se deixem enlaçar pelas tentações desse desvio: a primeira é que não se deve esperar glórias ou recompensas terrenas no caminho seguido por Cristo, por ser um caminho que leva à cruz e que é a própria cruz; e a segunda é que, por ser a

---

<sup>50</sup> BOFF, Leonardo. *Paixão de Cristo – Paixão do Mundo: os fatos, as interpretações e o significado ontem e hoje*. 2. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1977. p. 162.

ansiedade natural do ser humano, quando os anseios deste não são supridos, também se torna natural a frustração, que por sua vez leva ao desânimo e, por fim, ao enfraquecimento espiritual, muitas vezes um mal irreversível. Há certamente demasiada incoerência na tentativa de conciliar alguma retribuição não espiritual e o sofrimento simbolizado pela cruz.

Por último, apesar da enorme contribuição e avanço teológico que a Teologia da Libertação<sup>51</sup> proporcionou ao cenário latino-americano, existem algumas dificuldades hermenêuticas que devem ser discutidas, por exemplo: Como conciliar a Hermenêutica da Libertação com a Teologia da Cruz? Porventura a cruz é uma pedra de tropeço para essa hermenêutica de libertação? A teologia da libertação constantemente afirma que o Deus da Bíblia não é aquele que o homem/mulher quer que Ele seja, mas simplesmente Ele é o Deus dos pobres! Contudo, que dizer se o Jesus dos evangelhos não é aquele que os homens/mulheres gostariam que fosse sob o viés político, da libertação, mas é o Jesus da cruz?

Se não aceitarem a cruz D'ele, logo, não é preciso olhar para Ele. Esse Jesus só pode ser conhecido por intermédio da cruz. Acima de tudo, a leitura de Marcos tem como objetivo apresentar o caráter político da cruz. Esses desentendimentos acerca da identidade e a real missão de Jesus não são de hoje. Já eram uma pedra de tropeço para seus primeiros discípulos. Felizmente houve grande esforço dos redatores do Novo Testamento para se conformar com a perspectiva da cruz, e é necessário que o ser humano hodierno faça o mesmo. O real paradigma, a pedra angular é: Jesus crucificado como *justiça* de Deus.

---

<sup>51</sup> Movimento que interpreta os ensinamentos de Jesus à luz de uma libertação de injustas condições políticas, econômicas e sociais.

### **3 Uma Teologia para a Vida ou para o Mercado?**

Este capítulo tem como objetivos apresentar, ainda que de forma sucinta, o nascimento dos movimentos pentecostal<sup>52</sup> e neopentecostal<sup>53</sup>, esse último, também conhecido como “movimento carismático” ou “pentecostalismo autêntico”. Pretende ainda abordar o tipo de enfoque bíblico-doutrinário do movimento neopentecostal, e, por fim, esboçar pequenos ensaios sobre as teologias da graça e da cruz, assim como o tema do sofrimento e esperança. Essa abordagem tem como propósito apontar o contraste entre a visão triunfalista, mais conhecida como Teologia da Prosperidade, com a mensagem antitriunfalista do evangelho de Marcos, já devidamente discutida no capítulo anterior. Esses assuntos devem ser lidos de forma que o leitor perceba as divergências entre o que foi abordado no capítulo anterior com o que será explicado neste.

#### **3.1 Pentecostalismo e Neopentecostalismo**

O movimento pentecostal surgiu nos Estados Unidos no início do século passado. Sua base teológica comum é caracterizada pela ênfase no batismo com ou no Espírito Santo como revestimento de poder no ato da conversão ou subsequente a ela. O batismo no Espírito Santo é evidenciado quando o fiel passa a falar em línguas estranhas (glossolalia). Além desse dom de falar em línguas estranhas, outros dons espirituais ou manifestações transcendentais também passaram a fazer parte dos cultos pentecostais, tais como profecias, cura física e dons de milagres e de discernimento.

O referencial teórico para essas crenças e práticas é o segundo capítulo do livro de Atos dos Apóstolos, quando os doze, Maria, mãe de Jesus, e aproximadamente cento e vinte discípulos, instruídos pelo Nazareno, reuniram-se num cenáculo em Jerusalém para esperar a vinda do Espírito Santo. O evangelista Lucas relatou esse fenômeno assim:

---

<sup>52</sup> Movimento de renovação com ênfase especial em uma experiência direta e pessoal de Deus por meio do Batismo no Espírito Santo.

<sup>53</sup> Movimento surgido sessenta anos após o movimento pentecostal do início do século XX. Abriga denominações oriundas do pentecostalismo, assim como das denominações/igrejas históricas/tradicionais (metodista, batista, presbiteriana etc).

Tendo-se completado o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar. De repente, veio do céu um ruído como o agitar-se de um vendaval impetuoso, que encheu toda a casa onde se encontravam. Apareceram-lhes, então, línguas como de fogo, que se repartiam e que pousaram sobre cada um deles. E todos ficaram repletos do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia se exprimirem (At 2.1-4).

Para justificar as manifestações de glossolalia e outras relacionadas com fenômenos sobrenaturais ao longo da história, o movimento pentecostal utiliza também outros textos bíblicos, como At 2.16-21; 10.44-46; 19.6; 1Co 12.10; 14.

Após poucos anos de surgimento, o movimento pentecostal chega ao Brasil em 1910, e hoje representa o maior segmento evangélico do país. De acordo com Paulo Romeiro, esse ramo evangélico não chamava a atenção até 1950. Entretanto, com sua extraordinária expansão, a crescente visibilidade nos meios de comunicação e seu envolvimento com a política fizeram do movimento objeto frequente de estudo dos pesquisadores da religião.<sup>54</sup> Com o devido entendimento de que a periodização do movimento pentecostal não pode se prender a limites rígidos, é possível dividir a história do pentecostalismo brasileiro em 3 momentos:

a) 1910-1950 – implantação do pentecostalismo por missionários estrangeiros, sobretudo os de origem sueca, tendo como principal denominação a Assembleia de Deus, nascida em 1910, no norte do país, em Belém do Pará. Outra expressiva denominação do ramo pentecostal foi a Congregação Cristã do Brasil, fundada em 1911 pelo ítalo-americano Luigi Francescon, em São Paulo, no bairro chamado Brás.

b) 1950-1970 – ramificação do movimento, agora de origem nacional, com o aparecimento de novos grupos/denominações, fortemente influenciados pelos missionários norte-americanos. As principais denominações são a Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil para Cristo, iniciada por Manoel de Mello, em 1955, em São Paulo; Deus é Amor, fundada pelo missionário David Martins Miranda, em 1962, em São Paulo; e a Igreja do Evangelho Quadrangular, de influência norte-americana, fundada pela Canadense Aimee Semple McPherson, por volta da década de 1960, também no estado de São Paulo.

c) A partir da segunda metade da década de 1970, nasceram setores com características distintas dentro do pentecostalismo brasileiro, dando início a uma

---

<sup>54</sup> ROMEIRO, Paulo. *Decepcionados com a graça: esperanças e frustrações no Brasil neopentecostal*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005. p. 34.

nova fase, então chamada de neopentecostalismo ou pentecostalismo autônomo. O principal ramo desse novo setor é a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), criada por Edir Macedo, em 1977. Outras denominações de expressão relevante são: Igreja Internacional da Graça de Deus, fundada pelo Missionário R. R. Soares, em 1980; Igreja Apostólica Renascer em Cristo, criada em 1986, em São Paulo, pelo casal Estevam e Sônia Hernandez, hoje denominados “apóstolo” e “bispa”, respectivamente.

### **3.2 Alguns Aspectos Teológicos do Neopentecostalismo Brasileiro**

A linha teológica do neopentecostalismo ou pentecostalismo autônomo não é própria do seu movimento. Muitas de suas posições doutrinárias assemelham-se às do pentecostalismo da primeira e segunda fases. Não é possível observar doutrinas importantes da fé cristã. Temas como adoção, justificação pela fé<sup>55</sup>, escatologia<sup>56</sup> e predestinação<sup>57</sup>, tão destacados pelas denominações históricas, aparecem com pouca ou nenhuma frequência em seus discursos e publicações. Sem uma linha teológica definida, é possível reunir várias posições doutrinárias e correntes teológicas.

Os principais temas desenvolvidos nas liturgias neopentecostais são: cura e libertação, batalha espiritual<sup>58</sup>, mapeamento espiritual, cura interior, espíritos territoriais e prosperidade financeira. A espinha dorsal da doutrina neopentecostal é banir da vida humana a doença, a pobreza e todo tipo de sofrimento. O ser humano deve focar sua vida no presente, e não no futuro, no temporal, e não no eterno.

No que diz respeito à Bíblia, o movimento do pentecostalismo autônomo não se preocupa com a interpretação científica dos textos e com ferramentas

---

<sup>55</sup> Conceito basilar de todas as denominações cristãs advindas do movimento da Reforma Protestante. Na carta de Paulo aos Romanos (1.7) está registrada a expressão “o justo viverá pela fé”. Essa sentença serviu para confrontar a crença da Igreja Católica que ensinava/defendia sobre a fé acrescida das boas obras com o intuito de se poder alcançar a salvação.

<sup>56</sup> É uma área da teologia que aborda/trata dos últimos eventos da história do mundo, bem como o destino final da humanidade.

<sup>57</sup> Crença na doutrina de que todos os acontecimentos têm sido determinados previamente por Deus. A referida doutrina professa o entendimento de que Deus escolherá alguns seres humanos para a salvação e outros para a condenação eterna.

<sup>58</sup> Movimento que enfatiza a luta da Igreja de Jesus Cristo contra Satanás e seus demônios. Para o movimento em questão, a leitura dos textos bíblicos e da realidade é sempre interpretada à luz da ação sobrenatural de Deus.

necessárias à hermenêutica/exegese. Os textos bíblicos são interpretados na perspectiva da prosperidade material. Essas passagens bíblicas perdem o seu “contexto histórico agrícola pré-capitalista, trazendo-os para um contexto de exclusão, determinado pelo mercado capitalista.”<sup>59</sup> O dinheiro é a chave que abre as portas dos céus e o coração da divindade. É por intermédio dele que as “promessas” bíblicas são recebidas, conforme escreve Oneide Bobsin:

Como no âmbito econômico-financeiro, nos cultos da “corrente da prosperidade” a moeda circulante é o dinheiro. Por meio dele o fiel pode alcançar as bênçãos dos céus. Mas o dinheiro não se restringe ao papel de equivalente geral na “economia das trocas simbólicas”. Ele tem o poder de coagir a Deus, para que as promessas divinas sejam realizadas. A eficácia simbólica redundando em bênçãos materiais.<sup>60</sup>

Esse novo foco é contrário ao pentecostalismo tradicional. Enquanto a busca da riqueza era rejeitada pelo pentecostalismo, o neopentecostalismo “abraça” os tesouros da terra, o livre gozo do dinheiro, do *status* social e dos prazeres deste mundo. O crente está destinado a ser próspero, saudável e feliz neste mundo. Em vez de rejeitar o mundo, o pentecostalismo autônomo passou a afirmá-lo. A chave do sucesso para a vida na terra está na posse de uma fé inabalável, assim como no atendimento da principal exigência divina: ser fiel nos dízimos e dar volumosas ofertas com muita alegria, amor e desprendimento.

Outra corrente doutrinária incorporada pelo movimento neopentecostal é a confissão positiva, conhecida também como “palavra de fé”, “o movimento da fé”, ou ainda “evangelho da saúde e da prosperidade”. Essa doutrina surgiu com o norte-americano Essek William Kenyon, porém ganhou maior expansão e visibilidade com um jovem pregador batista chamado Kenneth Erwin Hagin, que, devido à crença na cura divina, passou a frequentar reuniões de um grupo pentecostal até ser ordenado ministro da Assembleia de Deus. Conforme Romeiro, os enfoques da confissão positiva são:

[...] a vida do cristão deve ser livre de qualquer problema. Ele deve morar em mansões, possuir carros caros, ter muito dinheiro e muita saúde. Se isso não ocorrer, estará caracterizada a ausência de fé, a vida em pecado ou então o domínio de Satanás. Em outras palavras, a característica do

<sup>59</sup> BOBSIN, Oneide. Teologia da Prosperidade ou Estratégia de Sobrevivência: estudo exploratório. *Estudos Teológicos*. São Leopoldo-RS: ano 35, n. 1, 1995, p. 27.

<sup>60</sup> BOBSIN, 1995, p. 25.

cristão maduro é a plena saúde física e emocional, além da prosperidade material.<sup>61</sup>

O texto áureo, utilizado pela doutrina da confissão positiva, que diz que o crente não pode ficar doente, é o de Isaías 53.4-5 (texto posteriormente incorporado pela tradição cristã – Mt 8.17 e 1Pe 2.24): “E, no entanto, eram nossos sofrimentos que ele levava sobre si, nossas dores que ele carregava. Mas nós o tínhamos como vítima do castigo, ferido por Deus e humilhado. Mas ele foi trespassado por causa das nossas transgressões, esmagado por causa das nossas iniquidades. O castigo que havia de trazer-nos a paz, caiu sobre ele, sim, por suas feridas fomos curados”. Romeiro cita a interpretação/experiência de Hagin com os textos em questão:

Eu ainda não sabia que a cura estava na expiação (Is 53:4-5). Não sabia que Jesus carregou nossas enfermidades (Mt 8:17). Não sabia que, pelas chagas de Jesus, fomos curados (1Pe 2:24). Não sabia que Satanás era o autor da doença e da enfermidade. Portanto o medo de ficar doente de novo continuava a me atormentar (...). Deus não é o autor da doença. Os homens só ficaram doentes depois que deram ouvido ao Diabo (...) A doença e a enfermidade são do Diabo. Deixe que a verdade dessa afirmação entre profundamente em seu espírito. Então siga os passos de Jesus e trate com a doença da forma que Jesus tratou. Trate a doença e a enfermidade como um inimigo, e nunca as tolere em sua vida.<sup>62</sup>

Portanto, o Diabo e seus demônios estão por trás das doenças, isto é, eles são a causa de todas as doenças e enfermidades. Se Deus criou o ser humano saudável, logo não pode ser atribuído a Ele nenhum tipo de doença. Desse modo, qualquer doente pode ser curado, já que Cristo derrotou todos os principados na cruz. Existe uma exceção a essa regra. Além das doenças estarem diretamente relacionadas ao Diabo e seus demônios, para a corrente doutrinária confissão positiva, ela também pode ser apenas uma ilusão da mente, ou seja, o cristão pode pensar que está doente, mas na verdade não está, porque a doença foi vencida na cruz do calvário.

Mais uma abordagem doutrinária do movimento neopentecostal é a visão maniqueísta. Em função das atuações demoníacas, que trazem desgraças para o país, para a profissão, saúde, casamento etc, é instituída uma espécie de guerra espiritual ou “guerra santa”. O problema do mal, do sofrimento, do fracasso e das

---

<sup>61</sup> ROMEIRO, 2005, p. 98.

<sup>62</sup> HAGIN, [s.d] apud ROMEIRO, 2005, p. 99.

dores não estão relacionados com a dimensão estrutural, mas estão diretamente ligados aos espíritos maléficos. A superação de todos os problemas dessa natureza será concretizada por meio de exorcismos. As pessoas exorcizadas estarão livres das mazelas impostas quando da possessão demoníaca.

O contexto religioso brasileiro favoreceu a ênfase que muitas igrejas neopentecostais dão ao tema. O misticismo é intrínseco à cultura popular brasileira. Talvez pela deficiência do atendimento público hospitalar, do desemprego, da violência, da corrupção e da inadimplência, a única saída que os brasileiros encontraram para resolverem seus problemas de forma imediata foi a adoção de uma solução mágica ou sobrenatural. Contudo, a concepção maniqueísta não é inerente apenas a uma abordagem religiosa. Bobsin cita a visão de Menezes que expõe o que segue:

Assim, a concepção maniqueísta da realidade não parece se prender unicamente a uma corrente religiosa historicamente datada, mas antes parece revelar uma inclinação profunda do espírito humano que determinaria, pois, uma constante do processo evolutivo, e que se exprimiria por inúmeros pares antitéticos que reduzem o real a duas dimensões mutuamente exclusivas: Bem e Mal, Deus e Diabo, luz e trevas, verdadeiro e falso, Céu e Inferno, branco e preto, natureza e sociedade, Oriente e Ocidente, rico e pobre, burguesia e proletariado, ciência e ideologia, espírito e matéria, essência e aparência, macho e fêmea, amor e ódio, vida e morte, prazer e dor, etc.<sup>63</sup>

Paralela com a visão maniqueísta, está a chamada “quebra de maldições hereditárias”, corrente doutrinária que ensina que os pecados, as adversidades e enfermidades na vida da pessoa são herança dos atos pecaminosos dos seus antepassados. Se alguém enfrenta quaisquer espécies de problemas, é porque algum de seus ancestrais, independentemente de geração, cometeu algum ato nocivo que, por sua vez, foi repassado para seus descendentes. Para que o mal seja banido, é necessário orar para que Deus revele qual geração do passado está afetando a vida hoje. Após o recebimento da revelação, é necessário pedir perdão por aquela geração.

Após a explicação desses aspectos teológicos, conclui-se que a “chave hermenêutica da “teologia da prosperidade” ignora a solidariedade, a comunidade e a gratuidade divina. Não pode haver lugar para a graça, pois a chave é dada pela sociedade, na qual predominam as leis de mercado.”<sup>64</sup> A encarnação de Deus no

---

<sup>63</sup> MENEZES, [s.d] apud BOBSIN, 1995, p. 33.

<sup>64</sup> BOBSIN, 1995, p. 28.

Cristo que se solidariza com os fracos/marginalizados e com os pobres é totalmente desconsiderada/irrelevante.

### 3.3 Redescobrimo a Graça e a Cruz

Não restam dúvidas de que existe uma tensão entre a gratuidade de Deus e as ambições de sucesso da sociedade contemporânea. O sistema sacrificial de ofertas, que recebeu profundas críticas pelos profetas bíblicos e pós-bíblicos, ainda está vivo na prática eclesial. A fé se expressa como uma espécie de transação comercial. A mensagem da Reforma Protestante, tão marcante e transformadora para a igreja medieval, parece ser a chave para sociedade hodierna. A dimensão da graça precisa ser redescoberta como pilar fundamental para o cristianismo. *Osola gratia* é reafirmado como expressão do novo descobrimento daquela verdade antiga de que o Senhor é pura e simplesmente gratuidade. A Ele não se chega oferecendo indulgências/ofertas, mas adoração.

A Septuaginta<sup>65</sup> traduz 61 vezes o termo hebraico *hēn* com o termo grego *χάρις*. Esse termo é o mais frequente, principalmente no sentido de “favor”, “inclinação”, “olhar inclinando-se”, “inclinando o olhar”. Já o Segundo Testamento aplica o termo graça cento e cinquenta e cinco vezes. Esse também é usado para “graciosidade”, “amabilidade”, “favor”, “graças” e “gratidão”. Somente nas epístolas paulinas, cem vezes a expressão está presente. Apesar do conceito da graça, no sentido de “dom não merecido”, não ter sido evidente nos ensinamentos de Jesus, o tema das suas palavras-ações como um todo se centralizava na preferência de Deus para com os pobres, fracos, marginalizados e perdidos (Mt 11.5,28s; Mc 10.26s; Lc 15).<sup>66</sup>

É relevante ressaltar que a graça em si mesma não pode fazer nada. A graça é essencialmente proativa. Aquele ou aquela que vive sua espiritualidade, que é movida pela gratuidade, não vive para ser servido, mas para servir. Paulo, em seu discurso de despedida em Mileto, disse: “Em tudo vos mostrei que é afadigando-nos assim que devemos ajudar os fracos, tendo presente as palavras

<sup>65</sup> Nome dado a versão da Bíblia Hebraica traduzida para o grego koinê (comum). A septuaginta, também conhecida como versão dos setenta, foi usada para inúmeras traduções da Bíblia.

<sup>66</sup> ESSER. H. H. Graça. In: COENEN, Lothar e BROWN, Colin. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, p. 910, 2007.

do Senhor Jesus, que disse: ‘Há mais felicidade em dar que em receber’” (At 6.35).  
Elsa Tamez também aborda essa questão:

[...] se esses temas profundamente teológicos, a graça, a cruz, a esperança, não estiverem relacionados com a pobreza, violência, justiça, corrupção ou com a impunidade que se vive em nosso continente, não têm nenhuma relevância, além de talvez acalmar as almas atormentadas de alguns indivíduos por pecados não-identificados.<sup>67</sup>

Qual é a relação entre a graça e a cruz? A graça é reconhecida e provada na cruz do crucificado como absoluta identidade com o ser humano nas dimensões mais alienadas do seu íntimo. A cruz deixa de ser material inerte e estático e se dinamiza na atitude de graça. Ela é símbolo dessa divina graça, ou porque não dizer, a própria graça, porém é paradoxalmente símbolo de sofrimento, maldição e des-graça. Acerca da abordagem do tema da cruz, Tamez diz:

Não só tem havido muitas mortes pela violência militar, mas a pobreza está causando cada vez mais mortes prematuras nos momentos da atual ordem econômica: América Central, Argentina, além do eterno inverno no Haiti, exigem uma historização da teologia da cruz. A teologia da cruz não tem nada a dizer sobre as mortes [não é vida em lugar de morte?] arrebatadas antes do tempo e muitas vezes injustamente? A essência da teologia cristã está marcada pela fé em um ser crucificado, que foi ressuscitado por Deus. Este ser chamado Jesus de Nazaré foi arrastado, torturado e finalmente crucificado pelas forças militares e legais do Império Romano. A frase litúrgica que assinala que Cristo foi entregue por nossos pecados desgraçadamente torna invisível essa situação conflitiva, leva-a a um grau de abstração sem contexto histórico e intimista e os evangelhos são muito claros ao narrar a vida de Jesus de Nazaré.<sup>68</sup>

A religião do triunfalismo não encontra o mínimo sentido religioso nas dores, nos fracassos, nas dívidas ou nas deficiências da vida. As teologias da graça e da cruz são, no mínimo, incompatíveis com a religião de mercado. A lógica da tradição religiosa, que indicava que deveria fazer o bem a quem o fazia, “casada” com a lógica de mercado, resulta enfraquecimento e morte da gratuidade. Jesus disse: “E se fazeis o bem aos que vo-lo fazem, que graça alcançais? Até mesmo os pecadores agem assim! E se emprestais àqueles de quem esperais receber, que graça alcançais? Até mesmo os pecadores emprestam aos pecadores para receberem o equivalente” (Lc 6.33-34).

<sup>67</sup> BATISTA, Israel. (Org.). *Graça, cruz e esperança*. São Leopoldo-RS: Sinodal; Quito: CLAI, 2005. p. 71.

<sup>68</sup> BATISTA, 2005, p. 73.

A imensurável contribuição que a espiritualidade e prática cristã podem oferecer ao mundo que atualmente padece sob a espoliação e a condenação impostas pelo mercado e suas “diretrizes” de sofrimento e morte só pode ser esta: a graça. Apenas ela tem o poder para quebrar a cadeia de favores de “segundas intenções” criadas pelo mercado.

### 3.4 Sofrimento e Esperança

Seja judeu, cristão, mulçumano, agnóstico ou ateu, qualquer ser humano conhece, ainda que em proporções diferentes, o significado da dor e do sofrimento. Apesar de existirem regiões cujas pessoas sofrem mais que outras em consequência dos desastres naturais, guerras e epidemias, todas elas acabam recebendo sua porção de adversidades.

Essa condição e realidade humanas nada têm a ver com maldição, castigo de Deus, falta de fé ou ataque de Satanás, como proclama o neopentecostalismo. Simplesmente todas as pessoas, ou melhor, seres humanos e a própria natureza, estão sujeitos a passarem pela experiência da dor e do sofrimento. Não apenas o pentecostalismo autêntico, mas também a sociedade moderna tem como objetivo alcançar a felicidade sem passar pelos sofrimentos. “Vida sem disposição para o sofrimento torna-se superficial. É preciso superar tanto o medo da paixão quanto o temor do sofrimento, se é que se quer realmente viver a vida e afirmá-la até a morte.”<sup>69</sup> Dietrich Bonhoeffer, ainda que na perspectiva simbólica da cruz, escreveu:

A cruz não é desventura nem pesado destino; é o sofrimento que resulta da união exclusiva com Cristo. A cruz não é sofrimento casual, mas sofrimento necessário. [...] Um cristianismo que não vinha mais tomando o discipulado a sério, que transformara o Evangelho no consolo da graça barata e para o qual a existência natural e a existência cristã estavam inseparavelmente misturadas, tal cristianismo tinha que considerar a cruz uma desventura diária, uma tribulação e angústia de nossa vida natural.<sup>70</sup>

Nessa perspectiva, o que está em discussão não é a isenção do sofrimento, mas a compreensão da vida autêntica, verdadeira, equilibrada em todas as suas dimensões e facetas. Isso significa que o olhar acerca do sofrimento

---

<sup>69</sup> BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*. São Leopoldo-RS: Sinodal, 2004. p. 46.

<sup>70</sup> GUEDES, [2004] apud ROMEIRO, 2005, p. 178.

é redirecionado. Ele agora não é mais “maldição”, mas, num certo sentido, ele é “bênção”.

*Todo ser humano sofre. É parte da condição humana. Porém, quem sabe o que fazer em relação ao sofrimento? Deus sabe! Entretanto, muitas vezes, parece que para Deus a questão não está em como solucionar o sofrimento, mas em entender que o sofrimento é a solução.<sup>71</sup>*

Então, como entender o sofrimento e a morte de Jesus já que o seu sacrifício não teve o propósito de “blindar” o ser humano das dores e adversidades, como aborda o movimento neopentecostal? Após uma forte experiência de dor e sofrimento experimentados durante a guerra, o teólogo Jürgen Moltmann conta suas primeiras percepções que o levaram a crer em Deus por meio de Jesus:

*A primeira imagem pela qual fui achado por Cristo foi a imagem daquele que desesperançado, prisioneiro e torturado na cruz dos romanos, gritava por Deus. Eu me senti compreendido por ele como por um amigo que se torna partícipe em nosso destino. Cristo seguiu o caminho do sofrimento e do abandono para procurar pelas pessoas abandonadas e, assim, se tornar irmão delas. Isso me tocou de modo pessoal: Deus abandonou seu Cristo para que Ele viesse ao meu encontro no estado de abandono e me achasse. Descobri, assim, em seu destino, algo que ainda não tinha trabalhado em meu próprio destino. Algo de sua presença em minha própria vida.<sup>72</sup>*

Essa ótica, apontada acima, denuncia e desconstrói a noção triunfalista do neopentecostalismo, que Cristo, na cruz, isentou as pessoas das doenças, pobreza e mazelas enfrentadas em todas as épocas e por toda e qualquer sociedade. Na verdade, Jesus, com sua missão, tornou-se o perfil paradigmático para qualquer pessoa. Ele ensinou como o ser humano deveria viver no presente mundo, seja de forma individual ou em sociedade. Em outras palavras, é como se com sua vida ele estivesse dizendo: “Olhem como eu estou vivendo, agora façam o mesmo”. Na agenda divina, há sempre espaço para a solidariedade. Como grafou Moltmann, “Somente o Deus que sofre pode socorrer, escreveu Bonhoeffer na prisão. Deus socorre – primeiro e sempre – por meio de sua compaixão: “No mais

---

<sup>71</sup> MOLTSMANN, Jürgen. *O Caminho de Jesus Cristo: cristologia em dimensões messiânicas*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1993. p. 208-209.

<sup>72</sup> MOLTSMANN, Jürgen. *Vida, Esperança e Justiça: um testamento teológico para a América Latina*. São Bernardo do Campo: Editeo, 2008. p. 13.

profundo abismo, lá estás também (Sl 139.8). Da comunhão com o Deus compassivo não nos podem separar nem sofrimento nem inferno.”<sup>73</sup>

Em Jesus, e por meio Dele, “surge/nasce” o Deus da esperança. Ele é o Deus que veio ao encontro da humanidade. Aquele que oportunizou aos hebreus o êxodo do lugar da escravidão. O Deus que esteve adiante deles durante o dia em uma coluna de nuvens e durante a noite numa coluna de fogo. O Deus da esperança é o Deus da ressurreição de Jesus Cristo e direciona o seu mundo por meio do fogo e do vento impetuoso do Espírito Santo.

Após o sacrifício, morte e ressurreição de Jesus, a mensagem “crística” alcançou guarida na vida de muitos discípulos. Agora, o sofrimento não está sozinho, ao seu lado, está a esperança nossa de cada dia. A despeito dos sofrimentos enfrentados pela comunidade de Corinto, o apóstolo Paulo encoraja aquele povo a não desfalecer.

Trazemos, porém, este tesouro em vasos de argila, para que esse incomparável poder seja de Deus e não de nós. Somos atribulados por todos os lados, mas não esmagados; postos em extrema dificuldade, mas não vencidos pelos impasses; perseguidos, mas não abandonados; prostrados por terra, mas não aniquilados. Incessantemente e por toda parte trazemos em nosso corpo a agonia de Jesus, a fim de que a vida de Jesus seja também manifestada em nosso corpo. (...) Por isto não nos deixemos abater. Pelo contrário, embora em nós, o homem exterior vá caminhando para a sua ruína, o homem interior se renova dia a dia. (2Co 2.7-10,16).

É importante salientar que o texto supra não “fecha os olhos” para a realidade da dor e sofrimento. “A esperança cristã não é otimismo, que somente é capaz de prometer dias melhores de sucesso”.<sup>74</sup> Pelo contrário, é pela consciência dos riscos e das adversidades presentes, que a esperança evidencia sua força, que por sua vez, conforta e habilita o cristão a resistir e superar os dias maus. A citação de Calvino, quando da sua interpretação de Hebreus 11.1, pode elucidar melhor essa questão:

[...] A nós é prometida a vida eterna, mas a nós, os mortos. A nós se prega a bendita ressurreição, mas nesse ínterim, a decomposição nos rodeia. Nós somos chamados de justos, mas, a despeito disto, o pecado mora em nós. Nós ouvimos da indizível beatitude, mas neste ínterim nós somos oprimidos pela interminável miséria. O que seria de nós se nós não nos voltássemos para a esperança e, em meio às trevas que reinam neste

<sup>73</sup> MOLTMANN, 2008, p. 14.

<sup>74</sup> MOLTMANN, 2008, p. 25.

mundo, tivéssemos os nossos sentidos iluminados pela Palavra e Espírito de Deus?<sup>75</sup>

Além da resistência e superação dos percalços experimentados por cada indivíduo, a esperança não pode ser interpretada apenas de forma passiva, mas também de forma ativa. Ou seja, a esperança cristã desperta e impulsiona cristãos e cristãs a agirem no resgate daqueles e daquelas que passam por algum grau ou tipo de injustiça, sofrimento e escravidão. Com efeito, pecado não é somente o mal que a humanidade comete, mas, e com muito mais frequência, o bem que ela deixa de fazer. Em outras palavras, o pecado está relacionado tanto coma ação, como com a omissão. A esperança também deve significar para cada um e cada uma a consciência de transformação de uma sociedade mais justa e igualitária.

Pelo poder dessa esperança, cristãos e cristãs se convertem em cooperadores e cooperadoras do reino de Deus no presente mundo. “Cumpru-se o tempo e o Reino de Deus está próximo. Arrependei-vos e crede no Evangelho” (Mc 1.15). Este reino está tão próximo, que é importante não apenas esperá-lo, mas também buscá-lo. É possível fazer da sua justiça e paz o alvo de cada cooperador e cooperadora. Há diversas situações no mundo presente que se opõem à justiça e à paz do Reino. É preciso que cada portador e portadora da esperança confronte, na medida do possível, essas forças que militam contra a justiça e a paz do Reinado de Deus. É possível, pelo amor à vida, mensagem inerente ao Reino, fazer com que floresçam os sinais que antecipam esse reinado no tempo presente.

A mensagem do Reino de Deus é imbuída da esperança-missão para dentro da história. Essa mensagem-ação faz com que o grito de quem anseia por paz seja ouvido, a dignidade dos seres esquecidos e prejudicados seja reestabelecida, a vida em conjunto entre os seres humanos, a natureza e o planeta terra seja compreendida e adotada. “[...] os cegos recuperam a vista, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e aos pobres é anunciado o Evangelho” (Lc 7.22). A humanidade agora é partícipe desta antecipação do Reino de Deus e também pode contemplar, no presente, alguma coisa da nova criação.

Finalizando, em outra carta, agora endereçada aos Romanos, Paulo diz “Que o Deus da esperança vos cumule de toda alegria e paz em vossa fé, a fim de

---

<sup>75</sup> CALVINO, [s.d] apud MOLTMANN, 2008, p. 25.

que pela ação do Espírito Santo a vossa esperança transborde” (Rm 15.13). Isso significa também que esse Deus não é apenas a razão da esperança da humanidade, mas Ele está adiante dos seres humanos e caminha à sua frente. De forma mais abrangente, é um Deus que não somente esteve entre as pessoas, que está e estará, mas também um Deus que vem: “[...] a vós graça e paz da parte daquele-que-é, daquele-que-era e daquele-que-vem” (Ap 1.4).

A fé em Cristo não é outra coisa senão – isto não somente no tempo do Advento – esperança confiante, orientação para frente e uma forma de vida na expectativa do que está por vir. Futuro não é algo secundário no Cristianismo. Ele é o elemento de sua fé, o tom no qual todos os seus hinos são cantados. O futuro são as cores da alvorada usadas em todos os quadros pintados pelo Cristianismo. Pois a fé, então, é a fé de Cristo se for uma fé pascal. Crer significa viver na presença do Ressuscitado e se deixar orientar pelo reino vindouro “assim na terra como no céu”.<sup>76</sup>

Se existe a expectativa daquele que vem, as experiências de cada dia são vivenciadas na sua completude: há espaço para saudar, mas também para despedir; aguardar, mas também para apressar. Nessa dinâmica, Aquele que é esperado, nesse caso, Jesus, também espera por todos e todas, em qualquer nova manhã, em qualquer novo dia. Quando a morte chegar, novas coisas serão reveladas e experimentadas. “[...] Eis que eu faço novas todas as coisas” (Ap 21.5).

### **3.5 Uma Mensagem-Ação Hodierna da Cruz**

Repetindo o texto chave dessa abordagem antitriunfalista, “[...] Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me” (Mc 8.34), faz-se mister “alargar” o conceito de cruz. Assim como a morte não está para o derradeiro momento da vida, isto é, a vida começa a morrer a partir da sua concepção, a cruz não é somente aquela imagem do madeiro que é projetada na mente humana: ela também representa uma espécie de corporificação do ódio, do mal, do crime e da violência humanas. Cruz também está relacionada com limitação da vida, significando dificultadora da caminhada.

O propósito de Jesus não era a cruz pela cruz, mas proporcionar aquele espírito que poderia evitar a produção de cruz para si mesmo e também para os

---

<sup>76</sup> MOLTMANN, 2008, p. 22.

outros e outras. Sua mensagem consistia no amor e no serviço. O portador da mensagem-ação do amor e do serviço não pode criar cruces para ninguém. Ele fecha o caminho do egoísmo.

A perícopre de Marcos 10.35-45 ilustra bem a postura egoísta de Tiago e João, filhos de Zebedeu. Eles pediram a Jesus que lhes concedesse, na glória D'ele, assentar um à direita, e outro à esquerda do Mestre, ao que Jesus respondeu: “[...] o assentar-se à minha direita ou à minha esquerda não cabe a mim concedê-lo, mas é para aqueles aos quais isso foi destinado” (v. 40). Após manifestações indignatórias dos demais discípulos contra Tiago e João, Jesus termina a discussão informando-lhes que: “[...] aquele que quiser ser o primeiro dentre vós, seja o servo de todos. Pois o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (v. 44-45).

Provavelmente o título preferido de Jesus relatado nos evangelhos fosse “Filho do homem” (υἱὸς τοῦ ἀνθρώπου), expressão esta de difícil tradução. Essa é uma expressão altamente teológica, que pode ser dita de uma forma mais compreensível, “Filho da humanidade. Comumente, na dinâmica divina, a humanidade, ou seja, os seres humanos, são filhos de Deus. O título “Filho do homem” ou “Filho da humanidade” sugere o contrário. Deus se torna filho dos seres humanos. O que isso implica quando Jesus diz ser o “Filho da humanidade”? Como Filho da humanidade, Ele exerce o amor-serviço: “Pois o Filho da humanidade não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos”. Seu ministério começou numa estrebaria e terminou na cruz. Do exposto, não há lugar para egoísmo e nem triunfalismo.

Quem exerce o amor-serviço não cria cruces para o próximo, pelo contrário, anuncia a boa-nova da Vida e do Amor. Essa mensagem-ação de Jesus, que foi altamente questionadora e libertadora, teve como consequência sua suspensão no madeiro. Ele assumiu a cruz para manifestar sua fidelidade ao Pai e à humanidade.

Proclamar a cruz de Cristo, hoje, pode significar um pouco mais de empenho para que nasça um mundo caracterizado por mais amor, fraternidade, paz, diálogo, abertura e entrega a Deus e ao próximo. Isso requer denunciar situações geradoras de ódio, divisão, valores e ideologias. Isso também implica anunciar e realizar, numa práxis comprometida, solidariedade, justiça nos lares/família, nas escolas e no próprio sistema econômico, bem como nas relações

públicas. O engajamento dessa natureza pode gerar consequências indesejadas e inesperadas, ou porque não dizer também, já esperadas. Nascerão crises, confrontos, sofrimentos e cruces. Proclamar a cruz de Cristo não está na esfera apenas da fala, mas também do ato. Nessa dinâmica, proclamar a cruz equivale a carregá-la. Aquele e aquela que suporta e sofre por razão da causa e da vida são confortados e confortadas na esperança de libertação e transformação dos seres humanos.

A distinção entre a teologia da cruz como teoria e a teologia da cruz como prática pode ser elucidada agora. “Teoria” pode ser no sentido moral, como um exemplo a ser seguido, ou no sentido ontológico, que descreve um evento entre Deus e a humanidade pecaminosa. “Prática” [...] não deve ser compreendida apenas como uma ação ou operação, mas também como uma disposição ou um *habitus* no sentido de que implica, mais do que ação, também um envolvimento no meio das circunstâncias em que a prática acontece.<sup>77</sup>

Proclamar a cruz de Cristo, hoje, pode significar ainda um novo olhar acerca da justiça. A doutrina tradicional católica e protestante sempre focou no indivíduo que comete o mal. A pessoa pecadora precisa se arrepender de seus pecados e se converter; ou, quem peca deve ser justificado apenas por meio da fé. Contudo, Moltmann chama a atenção para um novo olhar sobre essa questão:

Mas onde ficam as vítimas do pecado e do mal praticado contra elas? Onde estão as pessoas que tiveram que suportar a injustiça e a violência? Não será, porventura, verdade que a igreja se ocupou apenas com a remissão da culpa dos autores do mal e com isso não quis ouvir os lamentos das vítimas sofredoras? De onde procede o fato de que nós só falamos da justificação dos pecadores, mas não da justificação das vítimas? [...] Segundo o testemunho das Sagradas Escrituras, a Justiça de Deus não é, todavia, mera constatação do mal e do bem; a recompensa do bem e a punição do mal (*justitia distributiva*). Antes de tudo, a Justiça de Deus é, ao mesmo tempo, aquela que cria o direito, mas também traz justiça à vida injustiçada. Desta forma, é uma justiça criativa. Deus faz justiça a quem sofre violência e põe em ordem quem comete o mal.<sup>78</sup>

Ao concluir, a apropriação e proclamação da cruz de Cristo não podem ser realizadas senão pela práxis – enfrentando e assumindo tanto a cruz como a morte. É possível matar a fome de um faminto fazendo-lhe discursos sobre arte culinária? Não! Também não pode ser resolvido o problema do sofrimento humano apenas pensando nele. É necessário comer para saciar a fome. É necessário lutar contra o mal para superar o sofrimento humano.

<sup>77</sup> WESTHELLE, Vitor. *O Deus escandaloso: o uso e abuso da cruz*. São Leopoldo-RS: Sinodal; Faculdades EST, 2008. p. 121.

<sup>78</sup> MOLTSMANN, 2008, p. 72.

## Conclusão

Esse trabalho final de mestrado profissional assumiu como objetivo compreender qual era o propósito do evangelista Marcos ao escrever sua obra. Para tal problema, realizou-se uma revisão de literatura. Sobre a intenção do evangelista Marcos, após investigação bibliográfica, concluiu-se que o autor do evangelho em questão estava preocupado com o tipo de interpretação que sua comunidade tinha da pessoa de Jesus, ou seja, ela compreendia que a mensagem e as práticas de Jesus eram, essencialmente, triunfalistas, uma forma de pensar que podia sentir-se embasada no poder de fazer milagres, curas e exorcismos. Então, para retificar essa visão triunfalista, surge o evangelho de Jesus Cristo, segundo Marcos.

Apesar da obra/evangelho ter corrigido essa leitura equivocada de Jesus, outros grupos também adotaram a mesma percepção triunfalista da comunidade marcana. Após cotejar a proposta do evangelho de Marcos com a abordagem ideológica de algumas instituições evangélicas do segmento pentecostal e neopentecostal, foi possível constatar o contraste entre o evangelho marciano e o neopentecostalismo. Enquanto a primeira procura expor uma teologia pautada na perspectiva daquele que precisa “negar a si mesmo e tomar a sua cruz”, a outra entende que, por meio do sacrifício de Cristo na cruz, foi banida da vida humana a doença, a pobreza, e todo tipo de sofrimento. A espinha dorsal dessa doutrina é sua mensagem triunfalista, referendada na teologia da saúde e da prosperidade.

O presente estudo apresenta resultados cujo domínio pode conduzir a algumas implicações para aqueles e aquelas que têm a intenção de se comportarem como Jesus de Nazaré. Nesta investigação, constatou-se, segundo Marcos, que a figura de Jesus deve ser sempre observada a partir da cruz, como norteadora do evangelho. Portanto, pode ser importante ter este princípio em conta quando se pretender adotar uma postura semelhante daquele que foi paradigma para todos os seres humanos.

A cruz, seja ela simbólica e/ou literal, esteve sempre atrelada à fé, à piedade e à teologia do cristianismo. Contudo, nem sempre se auferiram todas as consequências daquilo que está incubado na cruz e na morte do galileu de Nazaré. Apresentar a cruz de Jesus, hoje, significa comprometer-se para que haja um

mundo onde seja menos ausente fraternidade, paz, amor e entrega a Deus. Isso implica denunciar posturas que brotam ódio, segregação e estruturas político-econômicas injustas. Isso exige anunciar e realizar fraternidade, solidariedade e justiça nos mais diversos setores. Esse comprometimento leva como “fruto” a crises, sofrimentos, enfrentamentos, cruces. Acolher a cruz que vem desta luta significa: “[...] Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me” (Mc 8.34). Esse sofrimento é em razão da causa e da escolha desse tipo de vida.

Existe uma grande tarefa/missão para aqueles e aquelas que lidam com interpretação/exegese bíblica: que é o discipulado sob a cruz, pois de acordo com o que foi abordado, existem imagens equivocadas sobre a figura de Jesus. O evangelho de Marcos, em diferentes épocas e cenários, orientou, e continua tendo esse ofício de orientação, leitores e leitoras na percepção da verdadeira imagem/figura de Jesus – “Cristo crucificado, que para os judeus, é escândalo, para os gentios é loucura”, para os neopentecostais, é derrota e fracasso.

Ainda há uma distância enorme entre o ideal e o real nos dias atuais, assim como a ausência de consciência e de desejo de mudanças/reformas. O cenário brasileiro não é dos melhores. Abraçar essa realidade, pactuar-se diante de Deus com a sua mudança é indicação de uma fé obediente que quer tornar o evangelho e a mensagem da cruz relevantes a esta geração.

Este estudo apresenta algumas limitações, nomeadamente a carência de autores que defendem a hipótese de uma estratégia literária utilizada por Marcos – Enquanto a primeira parte do evangelho permite perceber a figura de um Jesus triunfante, em razão dos milagres e exorcismos realizados por ele, a segunda etapa da obra objetiva corrigir essa ideia por meio das narrativas da paixão e da incompreensão dos próprios discípulos de internalizar a concepção da cruz. Uma outra limitação deste trabalho está relacionada na explícita diferença entre a proclamação de Jesus e a ideologia da prosperidade. Futuras investigações poderiam explicitar onde estaria exatamente a diferença entre a pregação de Jesus (e de Marcos) e a ideologia da prosperidade, apesar do trabalho apresentar, ainda que de forma implícita, várias pistas.

Apesar das limitações identificadas, e de outras que podem ser apontadas, considera-se que o estudo realizado permitiu confrontar a teologia da cruz com a teologia veiculada no movimento neopentecostal, que apresenta grandes ênfases

na prosperidade/riqueza material, ausência de sofrimentos e doenças, sucesso em todas as áreas da vida, pois tudo isso é promessa de Deus, segundo preconiza o sobredito movimento. Em razão desse confronto, foi possível denunciar e desconstruir a noção/ideologia triunfalista do neopentecostalismo.

Por fim, esta pesquisa constituiu apenas um contributo para o (re)conhecimento de uma chave hermenêutica que convida e desafia todo ser humano a aceitar sua cruz. Assim fez Jesus. Assim deverá fazer cada seguidor e seguidora seu ao longo de toda a história, pois as palavras do apóstolo Paulo, em 2Co 4.1-2, foram: “Por isso, já que por misericórdia **fomos revestidos de tal ministério, não perdemos a coragem**. Dissemos “não” aos procedimentos secretos e vergonhosos; procedemos sem astúcia e **não falsificamos a palavra de Deus**. Muito ao contrário, pela **manifestação da verdade** recomendamos-nos à consciência de cada homem diante de Deus” (grifo meu).

## Referências

A BÍBLIA de Jerusalém. Tradução do texto em língua portuguesa diretamente dos originais. Edição em língua francesa. São Paulo: Paulus, 2002.

ALEGRE, Xavier. *Marcos: a correção de uma ideologia triunfalista*. 5. ed. São Leopoldo-RS: Cebi, 2005.

BATISTA, Israel. (Org.). *Graça, cruz e esperança*. Tradução: Vicente Eduardo Ribeiro Marçal. São Leopoldo-RS: Sinodal; Quito: CLAI, 2005.

BOBSIN, Oneide. Teologia da Prosperidade ou Estratégia de Sobrevivência: estudo exploratório. *Estudos Teológicos*. São Leopoldo-RS: ano 35, n. 1, p. 21-38, 1995.

BOFF, Leonardo. *Paixão de Cristo – Paixão do Mundo: os fatos, as interpretações e o significado ontem e hoje*. 2. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1977.

BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*. Tradução: Ilson Kayser. 8. ed. São Leopoldo-RS: Sinodal, 2004.

BORG, Marcus J.; CROSSAN, John Dominic. *A Última Semana: um relato detalhado dos dias finais de Jesus*. Tradução: Alves Calado. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

BROWN, Raymond Edward. *As Igrejas dos apóstolos*. São Paulo: Paulinas, 1986.

\_\_\_\_\_. *Introdução ao Novo Testamento*. Tradução: Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2004.

CHEVITARESE, A. L.; CORNELLI, G. (Orgs.). *A descoberta do Jesus histórico*. São Paulo: Paulinas, 2009.

\_\_\_\_\_. *Judaísmo, cristianismo, helenismo: ensaios acerca das interações no mediterrâneo antigo*. São Paulo: Annablume, 2007.

CHEVITARESE, A. L.; CORNELLI, G.; SELVATICI, Mônica. (Orgs.). *Jesus de Nazaré: uma outra história*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2006.

ESSER, H. H. Graça. In: COENEN, Lothar e BROWN, Colin. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, p. 907-915, 2007.

CROSSAN, John Dominic. *O Jesus Histórico: a vida de um camponês judeu do mediterrâneo*. Rio de Janeiro: Imago, [s.d.].

\_\_\_\_\_. *O Nascimento do Cristianismo: o que aconteceu nos anos que se seguiram à execução de Jesus*. Tradução: Barbara Theoto Lambert. São Paulo: Paulinas, 2004.

BLEDSOE, David Allen. *Movimento Neopentecostal Brasileiro: um estudo de caso*. São Paulo: Hagnos, 2012.

DELORME, J. *Leitura do Evangelho segundo Marcos*. São Paulo: Paulus, 2006.

ENGEMANN, Carlos. O poder da fé: opção religiosa, prosperidade e poder da mídia brasileira na virada do milênio. *Revista semestral de Filosofia e Teologia da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro*. Coletânea. Rio de Janeiro: Lumen Christi, n. 15, p. 69-93, 2009.

FRIBERG, Bárbara e FRIBERG, Timothy. *O Novo Testamento: grego analítico* (texto de ALAND, Kurt *et alii* (Ed.), *The Greek New Testament*, 3. ed. Stuttgart: United Bible Societies, 1975). rev. 1 ed. São Paulo: Vida Nova, 1987.

GERD, Theissen. *A Religião dos Primeiros Cristãos: uma teoria do cristianismo primitivo*. Tradução: Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2009.

GINGRICH, F. Wilbur e FREDERICK, W. Danker. *Léxico do Novo Testamento*. Tradução: Júlio P. T. Zabatiero. São Paulo: Vida Nova, 1984.

GNILKA, Joachim. *El evangelio segun San Marcos( v. I e II)*. Salamanca: Sígueme, 1986.

GORGULHO, G. O Caminho e o Seguimento de Jesus. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1985.

HOEFELMANN, Verner. O Caminho da Paixão de Jesus na Perspectiva do Evangelista Marcos. *Estudos Teológicos*. São Leopoldo: EST, n. 26, p. 99-119, 1986.

HORSLEY, Richard A; HANSON, John S. *Bandidos, Profetas e Messias: movimentos populares no tempo de Jesus*. Tradução: Edwino Aloysius Royer. São Paulo: Paulus, 1995.

HENDRIKSEN, William. *Comentário do Novo Testamento: exposição do evangelho de Marcos*. Tradução: Elias Dantas. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

MANSILLA, Sandra Nancy. Casa, família, comunidade – Espaços placentários de libertação. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana/Ribla*, 59, Petrópolis: Vozes, p.34-39, 2008 [Mc 3,31-35, Mt 10,34-36, Lc 12,51-53].

MARCUS, Joel. *El evangelio según Marcos (v. I e II)*. Salamanca: Sígueme, 2010.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1999.

MARQUES, Maria Antônia. No caminho de Jesus: uma leitura do evangelho de Marcos. *Vida pastoral: revista bimestral para sacerdotes e agentes de pastoral. Evangelho de Marcos: quem é Jesus?* São Paulo: Paulus, n. 286, p. 4, 2008.

MARXSEN, Willi. *El Evangelista Marcos: estudio sobre la historia de la redacción del evangelio*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1981.

MEIER, John P. *Um Judeu Marginal: repensando o Jesus histórico*. Tradução: Laura Rumchinsky. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

MOLTMANN, Jürgen. *O Caminho de Jesus Cristo: cristologia em dimensões messiânicas*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1993.

\_\_\_\_\_. *Vida, Esperança e Justiça: um testamento teológico para a América Latina*. Tradução: Haroldo Reimer e Levy da Costa Bastos. São Bernardo do Campo: Editeo, 2008.

MULHOLLAND, Dewey M. *Introdução e Comentário de Marcos*. Tradução: Maria Judith Prado Menga. São Paulo: Vida Nova, 2005.

MURDOCK P. William. A Theologia Crucis Marci vista da encruzilhada da América Latina (Ensaio sobre a teologia do Evangelho segundo Marcos). *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana/Ribla*, 9, Petrópolis: Vozes, p. 85-98, 1991.

MYERS, Ched. *O evangelho de São Marcos*. Tradução: I.F.L. Ferreira. Revisão: H. Dalbosco. São Paulo: Edições Paulinas, 1992. (Coleção Grande Comentário Bíblico).

NETO, Rodolfo Gaede; BRANDENBURG, Laude Erandi; MEURER, Evandro Jair. *Teologia da Prosperidade e Nova Era*. São Leopoldo-RS: Instituto Ecumênico de Pós-Graduação (IEPG) da Escola Superior de Teologia (EST), 1998. (Série Ensaio e Monografias).

NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. La comunidad olvidada: Un estudio sobre el grupo de los helenistas en Hch 6,1-8,3. *Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana. Cristianismos Originarios (30-70 d.C.)*. Equador e Costa Rica, n.

22, p. 109-126, 1995.

NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza Nogueira; MACHADO, Jonas (Orgs.). *Morte e Ressurreição de Jesus: reconstrução e hermenêutica: um debate com Jonn Dominic Crossan*. São Paulo: Paulinas, 2009.

SCHOLZ, Vilson. *Novo Testamento Interlinear Grego-Português*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.

PASSOS, Paulo Rogério Rodrigues; MOREIRA, Alberto da Silva. Igreja Neopentecostal Fonte da Vida: estratégias de conversão e empoderamento da classe média brasileira. *Estudos Teológicos*. São Leopoldo-RS: v. 50, n. 1, p. 116-143, 2010.

PIXLEY, Jorge. Santiago y la iglesia de Jerusalén. *Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana. Cristianismos Originarios (30-70 d.C.)*. Equador e Costa Rica, n. 22, p. 127-146, 1995.

RICHARD, Pablo. Los diversos orígenes del cristianismo: una visión de conjunto (30-70 d.C.). *Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana. Cristianismos Originarios (30-70 d.C.)*. Equador e Costa Rica, n. 22, p. 7-21, 1995.

ROHRBAUGH, Richard L. *The Social Sciences and New Testament Interpretation*. Peabody, MA, Hendrickson, 1996.

ROMEIRO, Paulo. *Decepcionados com a graça: esperanças e frustrações no Brasil neopentecostal*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.

SCHNELLE, Udo. *Teologia do Novo Testamento*. Tradução: Monika Ottermann. Santo André-SP: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2010.

SCHWANTES, Milton. *Sufrimento e Esperança no Exílio: história e teologia do povo de Deus no século VI a.C.* 2. ed. São Leopoldo-RS: Oikos, 2007.

SILVA, Drance Elias da. Centralidade do dinheiro na espiritualidade neopentecostal. *Horizonte. Revista semestral de Estudos de Teologia e Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais*. Belo Horizonte: PUC Minas, n. 13, p. 19-38, 2008.

SOARES, Sebastião Armando Gameleira. Casa e caminho: A Boa-Notícia se faz corpo em nossos corpos. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis-RJ: Vozes, n. 60, p. 23-35, 1999.

STEGEMANN, Ekkehard W.; STEGEMANN, Wolfgang. *História social do protocristianismo: os primórdios no judaísmo e as comunidades de Cristo no*

*mundo mediterrâneo*. Tradução: Nélio Schneider. São Leopoldo-RS: Sinodal; São Paulo: Paulus, 2004.

Uma antropologia em Marcos. Disponível em: <[http://www.estef.edu.br/pessoais/arquivos/ESTEF\\_PESSOAL\\_26\\_10\\_2005\\_20\\_33\\_52\\_Antrop.%20Mc.htm](http://www.estef.edu.br/pessoais/arquivos/ESTEF_PESSOAL_26_10_2005_20_33_52_Antrop.%20Mc.htm)>. Acesso em: 9 fev. 2013.

VAAGE, Leif E. El cristianismo galileo y el evangelio radical de Q. *Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana. Cristianismos Originarios (30-70 d.C.)*. Equador e Costa Rica, n. 22, p. 84-108, 1995.

WEGNER, Uwe. Os Evangelhos, Jesus, os escravos. *Estudos Bíblicos*. Escravidão e Escravos na Bíblia. Petrópolis-RJ: Vozes, n. 18, p. 53-72, 1988.

WESTHELLE, Vítor. *O Deus escandaloso: o uso e abuso da cruz*. Tradução: Geraldo Korndörfer. São Leopoldo-RS: Sinodal; Faculdades EST, 2008.